

mensagem

JORNAL DE CULTURA

Ano II — número 9 — agosto de 1976 — São Paulo — Brasil — Cr\$ 3,00

A menina que entortou URI GELLER



As cartas secretas de Psi

Veja os cursos populares de MENSAGEM

DE SÃO PAULO DO BRASIL DO MUNDO DO COSMOS

Alagoas dará petróleo para todo o Brasil

As pesquisas de petróleo em Alagoas estão produzindo resultados animadores. Não se conhecem ainda dados oficiais sobre a produção dos poços de São Miguel dos Campos, mas os entendidos afirmam que é simplesmente incalculável a capacidade dos mesmos. A recente descoberta de novo poço no mesmo município alagoano aumentou o entusiasmo dos técnicos pelas possibilidades do local. São Miguel dos Campos está situada numa bacia sedimentar considerada como das mais

propícias à descoberta jazidas petrolíferas de amplitude e profundidade.

Os estados do Norte e Nordeste parecem destinados, segundo opinião de geólogos que observam a região, a constituir o potencial energético de que o Brasil necessita para acelerar o seu desenvolvimento a Petrobrás está empregando sete ondas nas perfurações da área sedimentar de São Miguel dos Campos. Jornais do Rio e São Paulo dão destaque para notícias providas dessa região, publicasndo-as em primeira página.

COLÉGIO FECHADO EM MECEGENA

O despejo e consequentemente fechamento do Colégio Leônidas Luz, em Mecegena por atraso no pagamento de aluguel, provocou escândalo na cidade em Fortaleza. O prédio pertence à Comunidade Religiosa das Irmãs Josefina. O colégio funciona praticamente para atender aos bolsistas da Prefeitura e do Governo do Estado. O despejo foi determinado por decisão judicial, no período de férias. Dessa maneira, os alunos, ao voltarem para as aulas, encontrarão sua escola fechada.

Não obstante, o diretor do estabelecimento declara que efetuou pagamento recente ao advogado das Irmãs, que deixou de recolhe-lo à conta bancária da comunidade. As notícias de Fortaleza a respeito repercutiram em São Paulo e todo o Sul. É incrível que num caso como esse não se levasse em conta o interesse primordial do ensino.

A MORTE DAS GAIVOTAS



Gaiivotas morrem aos milhares nas praias da Bahia. Acontece o mesmo em São Paulo, particularmente em Peruibe.

Os baianos atribuíram o fato ao envenenamento pela poluição do mar. Os paulistas atribuíram ao rigor das frentes frias do inverno. Parece que a razão está com os baianos, mormente depois da condenação sumária das praias do sul foram sumariamente condenadas pela CETESB, órgão estadual de saneamento.

CONDENAÇÃO DAS PRAIAS

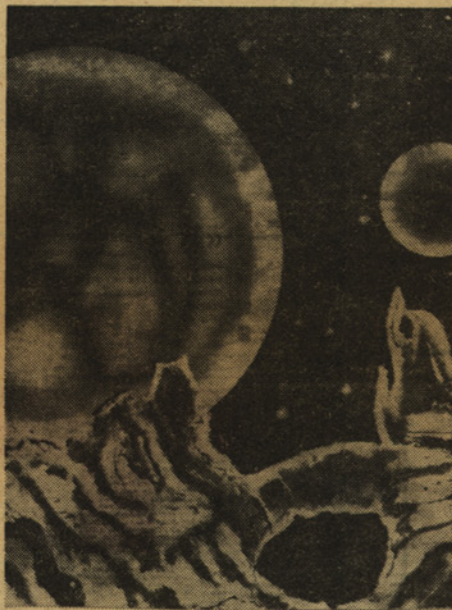


As praias de Santos, São Vicente e região da Praia Grande foram consideradas pela CETESB como impróprias ou suspeitas para uso dos banhistas. Quem se aventurar a nadar ou banhar-se nessas praias estará se arriscando a contágios graves. No Guarujá, foram consideradas boas somente as praias de Pernambuco, em frente ao Jequitimar, Perequê, Enseada (em frente ao Delfim Hotel) e do Tombo. As restantes estão condenadas. As praias de Bertioga, Ilha Bela e Ubatuba foram consideradas excelentes. Anotem e observem essas indicações.

QUASE DOBROU CUSTO DE VIDA

A Secretaria das Finanças da Prefeitura informou que o custo de vida em São Paulo, no mês de junho último, subiu 81 por cento. Em julho o aumento do custo de vida foi o menor do semestre, não se informando a porcentagem. Os maiores índices de elvação verificaram-se nos setores de habitação, saúde e alimentação.

ARTE FANTÁSTICA



Está circulando a edição especial de Arte Fantástica do jornal de artes DESTAQUE, da Editora Jornalística Rondon, sob a direção de Mariangela Oliveira e Everardo Tibiriçá. Com excelente factura gráfica, direção artística de Edson Braga, fotos de J. Ribeiro e valiosos trabalhos literários sobre os vários aspectos do paranormal na arte. DESTAQUE já se tornou leitura obrigatória no campo da cultura artística.

VILA MARIA DEU PRESIDENTE

Na constelação dos bairros periféricos de São Paulo, Vila Maria em 1954, por sua força eleitoral. Foi o reduto que elegeu Janio Quadros para a Prefeitura, modificando o panorama político paulistano e abrindo a possibilidade de uma nova era administrativa. Da Prefeitura Janio se lançou, sem perda de tempo, ao Governo do Estado e posteriormente à Presidência da República. Vila Maria, que continuava como reduto janista, podia gabar-se de haver dado um Presidente ao Brasil. Mas Janio frustrou todas as esperanças e o bairro passou a ser disputado por outros políticos. Chegou a eleger, apesar disso, um deputado federal.

Agora Vila Maria está sendo lembrada para a instalação da 16.a Regional da Prefeitura. Situado na zona leste, entre Guarulhos e Vila Guilherme, o bairro conta com mais de 116 mil habitantes e é o centro de uma rede de vilas florescentes. Sua posição é a de uma capital regional, como as cidades populosas do interior que centralizam o movimento de vastas regiões. Por isso, a população considera Vila Maria como uma cidade autônoma e anseia pela Regional que o prefeito Olavo Setubal deseja criar, através de projeto de lei que enviará à Câmara Municipal de São Paulo. A medida administrativa é necessária, mas é claro que o problema da sede provocará disputas no plenário. Vila Maria se queixa de poluição ambiental, deficiência de transportes coletivos, dificuldades para abrigar convenientemente a população que aumenta sem cessar com a chegada de imigrantes nordestinos acomodados em favelas. Para lutar contra essa situação, surgiu no bairro um herói de 22 anos, estudante de jornalismo, que fundou o quinzenário «Comunidade», de distribuição gratuita. Uma folha combativa, em que o estudante, José Carlos Lara, é auxiliado em sua luta pelo jornalista profissional Sergio Freitas. Vila Maria se volta para a solução humana dos seus problemas.



OS DETRITOS DA METRÓPOLE

São Paulo está sufocada pela poluição do ar e sem saber o que fazer da avalanche de lixo e detritos da metrópole. Agora mesmo uma comissão especial de médicos e engenheiros, do Departamento Municipal da Limpeza

DE SÃO PAULO DO BRASIL DO MUNDO DO COSMOS

Pública, está procurando encontrar uma solução para o problema do lixo hospitalar. Esse lixo vem sendo queimado em vários hospitais, aumentando a poluição ambiental. O problema dos rios poluídos pelos detritos venenosos das fábricas, e particularmente o de esgotos que são lançados no leito do Tietê e de outros rios, está se tornando cada vez mais grave. O caso do Tietê, rio histórico das Bandeiras e das Monções, constitui uma vergonha para a metrópole, cuja expansão violenta, nos últimos anos, destruiu as esperanças de uma solução rápida. Há urgente necessidade de providências corajosas, pois o crescimento controlável da cidade torna dia a dia mais grave esse complexo de problemas urbanos fundamentais, de que dependem a higiene ambiente e a saúde da população.



MASSACRE NAS SELVAS

O assalto de fazendeiros brancos e seus capangas à Missão de Merure, em Mato Grosso, dirigida pelos Padres Salesianos, mostra o grau de selvageria branca em nossos sertões. Não é de admirar que na Europa ainda se acredite que o Brasil é um país de botocudos e cascavéis. Que dirá a família do Padre Rodolfo Beck, de 37 anos, assassinado friamente pelos assaltantes? Homem estudioso, pesquisador da cultura indígena, que os índios respeitavam, mas os selvagens brancos e cristãos não vacilaram em matar, só porque tentara falar com eles. Essa brutalidade na selva, que tem a sua contrapartida nas brutalidades cometidas nas cidades, mostra a importância da nossa luta pela humanização do homem. Desfigurados pela ganância, entregues aos instintos animais, os homens se transformam em feras, envergonhando a espécie. Matam para se apossarem das terras dos índios, esquecidos de que não vão precisar de nada mais do que sete palmos de terra dentro de poucos anos.

VOLTAM OS DISCOS VOADORES

Os Ufos ou Ovnis, objetos voadores não identificados, voltam a inquietar o mundo, com novas aparições misteriosas nos Estados Unidos, na Suécia e na Rússia. Para completar essa reentré

espetacular, surgiu pela primeira vez um disco negro, de dez metros de diâmetro, que deu um show especial sobre o Palácio Imperial de Tóquio, pairando sobre ele em vôo baixo, durante dez minutos. Riozo Watanabe, de 34 anos, especialista em identificação, não conseguiu identificar o objeto mas calculou o seu diâmetro e a velocidade espantosa com que ele, de súbito, desapareceu no horizonte. Em Washington, peritos da Nasa continuam sustentando a existência dos discos como uma realidade da era astronáutica. De onde vêm, o que são, o que fazem? Não seriam essas mesmas as perguntas de habitantes de outros planetas, ao verem uma sonda espacial da Terra passar pela sua atmosfera ou descer em seu solo?

SÓ SABEM MATAR

Os três mercenários ingleses e um norte-americano, condenados à morte em Angola, vão ser fuzilados. Variam de idade entre 25 e 35 anos. Aprenderam a matar na guerra e não sabem viver na paz. Vítimas que não tombaram nos campos de batalha e continuaram a buscar a morte ganhando a vida em matanças. Ninguém cuidou da sua recuperação humana.



ESCOLA CAETANO DE CAMPOS

A decisão do prefeito Olavo Setúbal, de preservar o Palacete Riachuelo, na esquina das ruas Dr. Falcão e José Bonifácio, contrariando a decisão de desapropriá-lo para obras do Metrô, reforça as esperanças de solução favorável para o edifício da Escola Caetano de Campos, na Praça da República. O velho edifício representa um período importante na História da Educação em São Paulo. O fato de transferir o instituto para edifício mais adequado não invalida o anseio de preservar o antigo edifício como bem histórico da cidade, que realmente é — e dos mais significativos — pois foi por longo tempo o centro de todo o processo de expansão educacional da cidade e do Estado. Sua preservação se impõe, mormente na gestão do prefeito espiritualmente ligado, por tradição familiar e elos culturais dos mais nobres, à tradição cultural de São Paulo.

A atitude do prefeito Olavo Setúbal é favorável ao próprio Metrô, cuja histó-

ria não ficaria maculada por devastações vandálicas na sua passagem por ruas e praças da metrópole. Não cabem argumentos imediatistas e cálculos de vantagem financeiros em caso dessa natureza. A linha de opção cultural adotada pelo prefeito é a que deve prevalecer.

A CONQUISTA DE MARTE



Marte é o planeta que mais impressionou os homens em todos os tempos, exercendo grande influência em todas as civilizações terrenas, desde a remota Suméria até nossos dias. É natural que, na era astronáutica, desperte o maior interesse dos centros de pesquisa espacial.

Após a descida em Marte da sonda Wiking-1, que enviou a primeira foto colorida do solo marciano, foi lançada Wiking-2, que deverá descer no planeta vermelho a 4 de Setembro próximo. Esta sonda pousará nas proximidades do polo norte de Marte para buscar comprovações da existência de vida no planeta. A descoberta recente de três por cento de nitrogênio na atmosfera marciana tornou possível a existência de organismo biológico, particularmente nas proximidades dos polos. As novas fotos enviadas Wiking-1, em branco e preto, aumentaram a esperança de vida.

Fotos coloridas mostraram que o céu de Marte é cor de rosa, possivelmente em virtude da poeira suspensa que reflete a luz solar. Por outro lado, a poeira difunde no céu a cor ferruginosa do solo marciano.

A temperatura de Marte, ao contrário de Venus, apresenta índices abaixo de zero graus. A abundância de ferro em Marte é evidente. Mesmo antes das pesquisas por sondas, Marte já revelava, nas imagens telescópicas um céu alaranjado, que a olho nu parece vermelho.

VIDA HUMANA EM MARTE

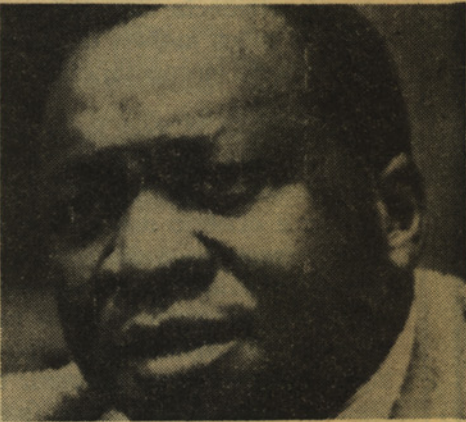
Pelos dados cobtidos até agora, os cientistas não acreditam na possibilidade de vida humana em Marte. A fabulosa civilização marciana descrita por

espíritos levianos, como no caso de Ramatîs, não existe. Mas as informações dadas espontaneamente a Kardec, no século passado, pelo espírito de Georges, e publicadas na *Revue Spirite*, têm muitos pontos de concordância com os dados das sondas espaciais.

Segundo Georges, existiria vida humana em Marte, mas em condições primaríssimas. Os marcianos seriam homúnculos de vida muito curta e viveriam em condições animais, bastante inferiores à vida selvagem dos pigmeus africanos. Os dados atuais não podem confirmar nem negar essa possibilidade. Kardec não aceitou as revelações de Georges como reais, registrando-as apenas como possíveis, dependendo de futuras pesquisas do planeta por cientistas especializados. A Ciência Espírita, afirmava ele, trata do espírito e não dos astros. O critério científico de Kardec comprova a sua validade neste momento, em contradição com as superações do seu trabalho por videntes imaginosos e livros de informações temerárias divulgados no meio espírita por médiuns e editores desprovidos de bom senso. É bom que as pessoas tentadas pelo fascínio do maravilhoso (como advertia Kardec) retornem ao estudo dos livros básicos de Kardec, para não se deixarem levar pelas fábulas, como já ensinava o Apóstolo Paulo nas suas epístolas aos cristãos primitivos.

MAIS SERIEDADE NA TV

O Governo da França acaba de tomar medidas corajosas para melhorar o nível cultural da televisão francesa. Proibiu a importação dos chamados «enlatados norte-americanos», determinando a apresentação de maior número de filmes nacionais e programas produzidos no país, sob orientação criteriosa de produtores capacitados. Eis um exemplo que devíamos seguir com urgência, principalmente agora, que se trata de regular por medidas legais a profissão dos artistas cênicos. Teríamos o duplo benefício do incentivo às produções nacionais e da economia de divisas.



IDI AMIN VAI

A situação em Uganda mostra-se bastante desfavorável para o Marechal e presidente-vitalício Idi Amin Dada. O país está ameaçado por rebeliões e escassez de recursos alimentícios financeiros. Idi recorre à violência, mas tudo indica que, desta vez, ao invés de mandar os outros irem, é ele quem vai. Suas divergências com o Quênia precipitaram a crise. A falta de gasolina diminui a sua eficiência. Uganda está sózinha.

EDITORIAL

Parapsicologia e Psicotrônica

A apresentação de Uri Geller na televisão, como ato preparatório da primeira prévia do Congresso Internacional de Parapsicologia e Psicotrônica em São Paulo, produziu o efeito desejado no plano publicitário, mas ao mesmo tempo serviu para aumentar a deformação da imagem da Parapsicologia no Brasil. O problema continua colocado em termos de magia e misticismo, e o que é pior, de charlatanismo. Uri Geller é simplesmente um paranormal que se julga investido, como declarou no vídeo, de poderes sobrenaturais. Sua apresentação na TV serviu apenas para excitar a imaginação popular e marginalizar mais profundamente a Parapsicologia, entre nós, no plano cultural e científico.

A convocação do congresso já foi uma temeridade. Num país em que não contamos com nenhum parapsicólogo e nenhuma instituição científica desse ramo das ciências atuais, não há condições para a realização de um congresso nacional, quanto mais internacional. Não há um só trabalho de pesquisa séria, metódica, realizado em condições científicas e por pesquisadores habilitados, que possa ser apresentado e defendido num congresso. A única justificativa dessa convocação seria a colocação do problema em termos adequados, mas nesse caso o congresso teria de ser nacional, para um peneiramento doméstico rigoroso, expurgando-se o campo parapsicológico das ervas daninhas da charlatanice e do mercantilismo.

Ao invés disso, temos uma aventura charlatanesca, precedida de manobras pueris como o alarde em torno de operações cirúrgicas com anestesia hipnótica, que se enquadra no campo da Psicologia e não da Parapsicologia, e o **show** de Uri Geller na televisão, com suas colheres tortas e concertos de relógios. Como se tudo isso não bastasse, acrescenta-se ainda ao congresso o ramo espúrio da Psicotrônica, como novidade-chamarisco de efeito exclusivamente popular.

Se realmente se efetivar a vinda de parapsicólogos estrangeiros credenciados, isso apenas servirá para mostrarmos ao mundo a indigência em que nos encontramos nesse campo. Acreditamos que o congresso, pelo menos, consiga atingir os seus objetivos populares e financeiros, mas ao preço demasiado alto de mais prolongado atraso da nossa integração no desenvolvimento científico mundial. Temos de nos convencer de que não se faz Ciência com fogos de artifício. O mundo amadureceu para a pesquisa séria, profundamente complexa dos fenômenos paranormais, que revelam uma nova dimensão do homem, capaz de prepará-lo para a era cósmica que se inicia. Ou tomamos consciência desse fato ou continuaremos entregues às mãos inábeis de pessoas ingênuas e de aproveitadores de circunstâncias.

MENSAGEM vem fazendo o possível para levar aos seus leitores de todo o Brasil a imagem exata da Parapsicologia, como Ciência rigorosa que exige consciência e critério dos que desejam realmente conhecê-la. Por isso não podíamos calar neste momento. Nossa posição é a mesma de sempre, adotada pelos dirigentes deste mensário cultural muito antes que ele fosse lançado. Divulgamos princípios de iniciação parapsicológica com o fim de prevenir o povo contra as explorações do assunto em nosso país. Parapsicologia é Ciência objetiva, que investiga fenômenos, descobre as leis que os regem, aumenta o poder do homem no controle de si mesmo e da realidade em que vive. Fora disso só temos charlatanice.

Sabemos que pessoas de boa fé estão envolvidas nesse movimento, crentes que ele corresponde às condições e exigências do da nossa evolução cultural. Infelizmente estão enganadas. Temos a casa desarrumada, transtornada por especuladores inconsequentes, e não podemos convidar visitantes ilustres antes de colocá-la em ordem. Ressalvamos a boa intenção dessas pessoas, que não conhecem o sentido exato da palavra Ciência, e lamentamos a sua presença na inoportuna iniciativa.

O que é um parapsicólogo

A partir de 1940 o mundo se encheu de parapsicólogos. Porque, depois dos dez primeiros anos de insívas pesquisas, na Universidade de Duke, na Carolina do Norte (EUA). O prof. Joseph Benks Rhine e sua equipe declarado oficialmente que o fenômeno de clarividência estava cientificamente comprovado. Seguiram-se as comprovações dos fenômenos de telepatia, de precognição e retrocognição. Na Europa, grandes cientistas como Soal, Price, Carington, de Londres, Oxford e Cambridge, comprovavam também a realidade desses fenômenos. A parapsicologia abria uma nova frente na batalha das ciências e despertava o mais vivo interesse em toda parte, até mesmo nos países da órbita soviética e da própria URSS.

Como sempre acontece, os interessados não foram apenas os cientistas. Filósofos, teólogos, psicólogos e pessoas ligadas a correntes espiritualistas sentiram-se atraídas pelo assunto. Grande foi o número de providas de qualificação científica que se julgaram aptas a fazer pesquisas, anunciar resultados fantásticos e, por fim, a fazer dinheiro através de cursos pagos a tanto por hora por cabeça. O pior é que surgiram também os pseudo-parapsicólogos clínicos e até mesmo cirúrgicos, utilizando-se da nova ciência para todas as práticas de charlatanice.

Isso é naturalmente inevitável e não afeta em nada o trabalho dos cientistas, mas lança confusões e perturbações no povo. A imagem da parapsicologia foi deformada concepção popular, dando motivo a que novas e contínuas distorções fossem se propagando. Surgiram parapsicólogos em toda parte e em todos os níveis culturais. Só faltou aparecer a Musa da Parapsicologia, imitando a Musa da Existencialismo em que Juliette Greco se arvorou, no Café de Fiore, em Paris, que Sartre frequentava.

A CARTOLA MÁGICA

Se faltou a Musa, não faltaram os amantes do mistério e da trapaça, encantadores de serpentes, padres faquirescos atravessando estiletes apropriados na garganta, a até mesmo sorridentes espertalhões tirando pombas brancas da cartola mágica. Todos esses prestigiadores e (às vezes) hipnotizadores, fizeram sucesso e encheram os bolsos dizendo-se parapsicólogos. Os cientistas falavam em fenômenos de laboratório, implicando investigações e experimentações minuciosas e prolongadas, mas essa gente dava de barato às ciências e contrava caro os fenômenos da trapaça, iludindo o povo e desprestigiando os pesquisadores. Eram todos parapsicólogos por conta própria.

Os mágicos profissionais, que trabalham em palcos e circos, protestaram contra isso. Não defendiam a parapsicologia, mas a sua profissão honesta, pois como disseram, eles não iludiam ninguém, apenas ilusionavam. Quem os assistia não pagava entrada para ver fenômenos paranormais e sim para apreciar uma arte antiquíssima e rica, a arte de ilusionar, que requer instrumentos apropriados e habilidade inata. O ilusionista é um artista e não um trapaceiro. Mas os pseudo-parapsicólogos não se importaram com isso e continuaram em ação. Até hoje vão à televisão, fazem em recintos de associações respeitáveis e dão cursos e diplomas a quem desejar entrar na confraria. E publicam livros em que misturam as coisas e confundem o público ingênuo com afirmações estereotipadas.

O JOIO E O TRIGO

Separando o joio do trigo devemos lembrar que o parapsicólogo não se interessa por mágicas e trapaças. Pelo contrário, só se interessa por fenômenos autênticos, rigorosamente controlados por métodos científicos. Não se exhibe em público, trabalha em silêncio nos laboratórios. E um homem de ciência e não um pelo-

tiqueiro. Investiga os fenômenos, procurando descobrir as leis que os regem. E para fazer tudo isso precisa ter habilitação científica. Essa habilitação só se consegue através de rduos e sérios estudos universitários com práticas de laboratórios. Além disso, realiza trabalhos teóricos que o consagram nesse campo especial das Ciências. Não basta publicar livros populares. É necessário elaborar e defender teses aprofundando problemas da matéria, pesar com a sua erudição, o seu saber, a sua capacidade na balança das Ciências.

Ninguém se iluda com truques e mágicas. Parapsicólogos não produzem fenômenos, estuda e pesquisa os fenômenos produzidos por médiuns ou sujeitos paranormais.

Mesmo que um cidadão curse uma Faculdade, diplomando-se em Psicologia e fazendo uma especialização em Parapsicologia, ainda não é parapsicólogo, é apenas parapsicologista. Para ser parapsicólogo ele tem que conquistar esse grau numa defesa de tese universitária e firmar o seu nome na atividade prática, pesquisando e publicando resultados de suas pesquisas. Não basta ser psicólogo e fazer experiências de Parapsicologia. O conhecimento de Psicologia é básico, indispensável. Mas a Parapsicologia exige mais: conhecimentos de Biologia, de Fisiologia, de Física, de Matemática e de metodologia científica.

A Parapsicologia é um ramo avançado das Ciências Psicológicas. Exige conhecimentos sólidos de todas as áreas científicas implicadas nos fenômenos paranormais. No Brasil ainda não temos nenhum parapsicólogo. Temos alguns (e bem poucos) estudiosos sérios do assunto, e um número assustador de curiosos que se aproveitam da ingenuidade popular e da falta de unidades universitárias da matéria para se exibirem ao público abiscoitar-lhes o dinheiro.

Cura do Vitiligo

O dr. Eliezer Cerqueira Mendes, médico baiano, autor do curioso livro **Personalidade Intrusa**, sobre suas experiências clínicas de orientaparapsicológica, esteve várias vezes em São Paulo nos últimos meses e o prazer de sua visita. Tem novo livro a sair dentro em pouco em continuação ao referido. Referiu-nos, em conversa, a cura que obteve em sua Clínica de Salvador, ressaltando a de um caso de vitiligo. **Z** como o tratamento de dois outros casos. Em nosso número anterior saiu na capa de MENSAGEM uma chamada para a matéria, que devia referir-se à publicação do assunto neste número. A falta da linha explicativa: «aguardem publicação no próximo número», deu a impressão de que a matéria já estava incluída no número do mês passado.

O interesse pelo assunto ficou demonstrado nas cartas e telefonemas que recebemos a respeito. Com nossas excusas aos leitores, damos agora as informações que todos desejam.

CASO DE CURA

O método empregado pelo dr. Eliezer não é propriamente parapsicológico, mas espírita. Segundo nos explicou, submeteu uma paciente a observação mediúnica. Os médiuns videntes acusaram a presença de uma entidade espiritual que havia morrido queimada. Provocada a manifestação da entidade, as manchas de

vitiligo apareceram no médium que a recebia. Nas sessões subsequentes o fato se repetiu. Conseguindo-se assim o afastamento da entidade, a paciente se viu livre do vitiligo.

O dr. Eliezer apresentou uma tese a congresso médico interpretando o caso como produzido por ação telepática. Daí a inocuidade de todas as formas de tratamento por medicamentos. Se a **personalidade intrusa** não for afastada, o vitiligo permanece e pode desenvolver-se, espalhando-se por todo o corpo.

OUTROS CASOS

Mais dois casos foram tratados na sua clínica, mas o tratamento foi interrompido porque os pacientes precisaram mudar-se para lugares distantes. Num deles, tratava-se de uma jovem que tinha manchas iniciais no queixo. Como costumava coçar a mancha e depois levar os dedos às faces, as manchas se manifestaram nos lugares tocados pelos dedos. Feita a experiência do toque nos médiuns presentes, eles foram afetados, mas apenas temporariamente. O dr. Eliezer verificou, através de vidência e manifestação de entidades orientadoras, que esse caso não era produzido por entidade estranha. Tratava-se de reencarnação atual de pessoa que morrera queimada na encarnação anterior. Um caso de emersão da memória profunda (inconsciente) determinando o aparecimento do vitiligo como estigma reencar-

natório. essa verificação coincide com outras feitas nos Estados Unidos pelo dr. Ian Stevenson, como se pode ver no seu livro, já traduzido e publicado entre nós: **20 Casos Sugestivos de Reencarnação**.

EXPOSIÇÃO EM S. PAULO

O dr. Eliezer fez uma exposição do seu método de cura do vitiligo e de tratamento de epilepsia e esquizofrenia, em sua clínica de Salvador, Bahia, por processos mediúnicos. Pronunciou uma palestra a respeito na Associação Paulista de Medicina e fez exposições verbais desses processos à Sociedade dos Médicos Espíritas. Vários dos presentes discordaram da suspensão total do tratamento dessas doenças por medicamentos específicos. Outros acharam que as práticas mediúnicas do dr. Eliezer revelam influências das formas de sincretismo religioso afro-brasileiro, do que discordam. As experiências do médico baiano, segundo estamos informados, deverão ser submetidas a estudos por médicos paulistas, espíritas, que se mostram dispostos a tentar algumas verificações em suas associações. As conclusões do dr. Eliezer concordam com os resultados verificações de influências espirituais na etiologia de numerosas doenças, por cientistas de todo o mundo. Mas a mistura de procedimentos afro-brasileiros na prática espírita não se justifica, pois são resíduos mágicos de religiões primitivas, de origem supersticiosa.

A menina que entortou Uri Geller

Uri Geller estava numa noite negativa em sua primeira exibição no Parque Anhembi. Dizia-se cansado, incapaz de realizar com a espontaneidade habitual as suas proezas com talheres e relógios. Foi então que aparece a menina-prodígio, acompanhada da mãe e do pai. A mãe disse a Uri que a menina, depois de vê-lo na televisão, dera para entortar tudo que lhe caía nas mãos. Exibiu vários objetos, entre os quais um par de material plástico, entortado como

se o tivessem passado pelo fogo. Uri ficou a princípio desconfiado. Lutara inutilmente para movimentar velhos relógios quebrados. A mãe lhe disse que a menina faria o prodígio. Uri entregou-lhe o relógio e a menina Wilma Aparecida o pôs a funcionar. Uri continuava lutando com talheres e pregos. Passou-os às mãos da garota e ela os entortou com a simples fricção dos dedos. O jovem paranormal, mundialmente famoso, teve de entortar-se sobre a garotinha para ver de perto que ela realmente possuía faculdades semelhantes às suas.

Wilma Aparecida da Graça tem oito anos de idade, está no segundo ano primário em grupo escolar do Estado. Seus pais, João Domingos da Graça e Joana Maria da Graça, ambos portugueses de Cabo Verde, estão há quinze anos no Brasil. Gente pobre e simpática, trabalhadora, católica, mas frequentadora de um centro espírita, onde a menina foi considerada como dotada de faculdades mediúnicas.

Dona Joana conta, enquanto João sorri, coan-



Vejam como a menina entortou o pobre Uri Geller



Uri Geller estava tão cansado que não conseguia entortar o microfone

do a cabeça, que foi obrigada a afastar Wilma da cozinha, onde a ajudava, pelo prejuízo que causava entortando com a descoberta do seu poder, considera Uri Geller uma criatura excepcional. Mas a verdade é que entortou o israelense na exibição do Parque Anhembi, mostrando-lhe que no Brasil também sabemos entortar não apenas objetos,

mas homens também. É pena que não a tivéssemos descoberto antes, para nos salvar nas Olimpíadas de Montreal.

Os pais de Wilma estão agora preocupados com o que poderá acontecer na escola. A menina já revelara a capacidade de entortar a professora. E se agora começar a entortar canetas, lapis, giz, talvez até mesmo

o quadro-negro, como fez com o prato de plástico, como vai ser? Se Wilma transformar as aulas em exibições urigelianas, não será expulsa da escola? Um reporter lembrou que a menina poderia ser empregada numa relojoaria. Quem sabe se, concertando relógios, ela se esquece de entortar as coisas?

Teatro

Pano de boca

Marília de Castro



Benê Mendes — personagem: Segundo

você, identificado... e os outros solicitam de você as mesmíssimas respostas, a mudança de qualquer um mexe com todos os outros... Daí as gozações, as brincadeiras, o medo, tudo enfim... A recusa de confirmar sua transformação.»

Para alguns, o teatro, o cinema, a tv devem ser apenas diversão. Não sentem, que o vazio da superficialidade traz gradativamente a angústia de sermos nada.

Disso não se conclui que um espetáculo não tenha humor. Com o humor se fala muitas verdades e facilita o espectador a pensar, com menos preconceitos.

Neste texto o humor se incorpora nos personagens de «Pagão e Segundo», que conquistam grande simpatia, principalmente o Pagão.

A mensagem da peça, às vezes, não é bem captada devido a falas muito grandes. Aliás, uma falha de Fauzi Arap. Algumas passagens são mais para ser lidas do que faladas. São períodos literários. Faltam, em algumas, partes do espetáculo intervalos, silêncios ou quebras para que o espectador possa mais facilmente entender a tese do autor.

A concepção cênica de Flávio Império é envolvente. Deve-se destacar também a sonoplastia que completam o espetáculo, dando-lhe uma dimensão maior levando-nos a outros espaços, que não a sala de espetáculo.

A montagem muito baseada em iluminação dá passagem mais aberta para certa religiosidade do texto. A preocupação com Deus, como mistério da vida e do homem, demonstra-se em vários momentos do texto, terminando poeticamente com uma colocação sobre a porta estreita, uma das

passagens do Cristo: «A porta é estreita, Pedro, é isso. Mas eu quero acertar com ela. Eu não quero permanecer no mesmo erro mais tempo. Existe alguma coisa que inclui a todos... Eu não sei que nome dar a ela, mas nós estamos irremediavelmente comprometidos, todos, uns com os outros, e é impossível escapar sozinho. A porta é muito estreita, mas só passamos carregando os outros conosco.»

É um dos melhores espetáculos do momento para ser visto, ouvido e discutido.



Fauzi Arap e Ademar Rodrigues

Personagens, atores e autor conversam no espetáculo que está em temporada no Teatro 13 de Maio.

Pagão e Segundo, os personagens, colocam o seu drama no meio da criação. «Eu é que sei do movimento aqui dentro. Isso aqui é uma gabunça! Confusão e preguiça é o que reinam aqui dentro... Olha só... Olha só... o que o senhor está fazendo...» Esta é a mente do autor.

Fauzi Arap, autor e diretor, já demonstra neste seu primeiro

texto para teatro, a grande preocupação com a mensagem.

Sem dúvida, nosso teatro está carente de textos mais profundos sobre existência do homem e sua luta.

A meditação e exteriorização destes pensamentos, estão cada dia mais difíceis. Talvez... o medo? O medo de ser profundo, a necessidade do superficial.

Este aspecto é levantando pelo próprio texto de Fauzi: «...é como é difícil mudar de direção! Você está mergulhado dentro de

Mensagem Literária

Paulo Dantas e Lobato

AGOSTO

Hermano

Nas quatro casas da Lua,
nos quatro quartos de Agosto,
as quatro Abusões teciam
as mortalhas do desgosto.

Minguante minguava o amor
Crescente - alfange e terror,
ceifava vidas em flor.
Lua Cheia incendiava as matas
de corujas agoireiras.
Lua Nova só era nova
Por fazer suas maroteiras
com urtigas e arueiras.
Lua Cheia ou Lua Nova
com venenos de serpente
mandavam gente
pra cova.

Se a sexta-feira pingava
no dia 13 de Agosto
nem sacramento pegava
netre o levante e o sol posto.

Luar de Agosto velava
defuntinhos de crianças,
amortalhava esperanças
de moça que se casava
Agora as casas da Lua
varridas pelos ventos do Cosmos
estão abertas à luz do Sol e das Estrelas.
Astronautas hastearam bandeiras nas crateras,
afugentaram as bruxas e seus filtros aziagos.
São Jorge, Cavaleiro do Gral Intenporal,
disparou pelas motanhas lunares
com sua capa de nuvens
e esporas de prata retinindo.

Homens colheram pedras na face da Gênese
e voltaram à Terra com as mãos cheias
de flores mineralizadas do imemorial.
Pouco importa que o dia 13 desabroche
numa sexta-feira de Agosto.
O mês de Agosto das queimadas,
labaredas vermelhas na distância,
fumaças enoveladas no horizonte,
folhas e galhos calcinados
sobre campos e rios,
não mais engole cobras e lagartos
enfeitados pelas Abusões.

O Luar de Agosto
lavou o rosto
nas águas da lagoa.
Ninguém mais teme
o agoiro das corujas
e as bruxas de mãos sujas.

Comovente e bem dele, ao gosto de Lobato, que o admirava e aplaudia o **Sermão do Trem: subindo a Serra**, que Paulo Dantas escreveu para o número anterior de MENSAGEM, em, por ocasião do jubileu da morte do grande e saudoso escritor paulista. Infelizmente, por um desses acidentes inevitáveis na imprensa, o trabalho saiu sem a assinatura do autor. Em nome deste mensário de cultura, que é uma tricheira da luta pela humanização do homem, procuro sanar a falha, pedindo excusas ao autor e aos leitores. Passando violentamente de uma tiragem modesta para 85 mil exemplares, destinados a cobrir o aumento de seu número de assinantes e as bancas de jornais de todo o Brasil, o que bastaria para justificar essa e outras falhas daquela edição.

Mas, como afirma o ditado popular: há males que vêm para bem. O beneficiado, nesse caso, fui eu, com a oportunidade inesperada de fazer justiça a Paulo Dantas, nos limites exíguos das minhas possibilidades. Embora tantas vezes premiado, por suas novelas e romances carregados com as cores da angústia e do desespero humanos, é sempre conveniente lembrar a sua importante contribuição às nossas letras no campo difícil da ficção literária. O que mais me toca em Paulo Dantas é a sua autenticidade humana, sempre amparada por uma linguagem própria, típica e inconfundível, que revela em si mesma o seu extraordinário poder criador.

Tanto é assim que todos os leitores do **Sermão do Trem**, com os quais conversei, e entre eles eu mesmo não haviam notado a falta de sua assinatura no trabalho publicado. Todos nós sentimos a sua presença no seu estilo. E mentalmente vimos ali o seu nome no lugar devido, deixado em branco na página do jornal. Esse foi, para mim, um teste curioso da popularidade de Paulo Dantas e da maneira sutil por que se infiltra no espírito do leitor, estigmaticando-lhe o inconsciente com a força emotiva das suas expressões.

A esse poder oral o escritor reúne o seu poder de criar, tão demiúrgico e espontâneo como o de Lobato e Guimarães Rosa, que foram amigos íntimos e correspondentes seus, além de santos do seu oratório. O livrinho, modesto na feição gráfica e imenso no conteúdo, **Sagarana Emotiva**, que lançou recentemente, de parceria com Dora Ferreira da Silva, vale por uma demonstração atualíssima desse duplo poder. O mesmo aconteceu anteriormente, com seu trabalho sobre Monteiro Lobato. Em ambos, os dois escritores ressurgem nas mãos do leitor como figuras vivas da hora que passa. O poder criador de Paulo Dantas supera as limitações do gênero para recriar a figura humana dos amigos desaparecidos.

Na linha clássica das grandes tragédias literárias, mas colorida pela maneira de ser e de expressar-se do autor moderno, os livros de Paulo Dantas cheiram à

J. Amaral Simonetti

terra, sangue e sexo, ferindo a sensibilidade do leitor acostumado aos bons modos da literatura reprimida. Paulo Dantas é o homem de barro que Deus arrancou da terra enxarcada da Gênese, soprando-lhe nas ventas ansiosas o gosto da vida. Tem a força explosiva de Guimarães Rosa e humana do Lobato de **Urupês**, ainda molhado pelas águas do Vale do Paraíba. Mas o batismo de Dantas foi feito com águas do nordeste, marcando-o com o sabor das secas, em que as águas minguam como a lua e arrancam o leito e os barrancos com unhas de onça no cio.

Apesar dos prêmios e dos louvores da crítica, a literatura desse escritor que não escreve com cipó, como Ruclides, mas com as garras do Aleijadinho, arrancando os profetas da pedra-sabão (caso típico do personagem Daniel em **Chão de Infância**, não foi ainda suficientemente apreciada e julgada em suas dimensões telúricas.

As pessoas demasiado sensíveis ou condicionadas pelos temores da civilização (tão brutal e mascarada) não gostam dessas páginas de sabor pecaminoso, que lhes dão arrepios. Mas já é tempo de os nossos críticos, se é que ainda existem e funcionam penetrarem mais a fundo na obra original e solitária desse escritor gênio. Paulo Dantas rompe os tabus para reencontrar o homem real, com seus horrores e sua ternura, seu desespero e suas esperanças. Seus livros não fingem, tocam o real.

Ficção e alienação

Mário B. Ferreira

Duas novelas de TV — A VIAGEM e SARAMANDAIA — provocaram críticas e comentários errôneos na imprensa diária, que as considerou como formas de alienação oferecidas ao povo. Os alienados são os que se afastam da realidade para entregar-se a sonhos e utopias (sem contar os alienados da classificação patológica, como os esquizofrênicos e os loucos). As formas de alienação dos meios de comunicação seriam obras de imaginação desligadas da realidade. Um dos comentaristas sugeriu a utilização de temas históricos na TV, como recurso contra a alienação.

Acontece que a imaginação nada mais é que uma reelaboração do real. Não existe imaginação pura, desligada da experiência humana. Tanto nos temas históricos, quanto nas obras de ficção, imaginação e realidade se misturam. Além disso, a ficção literária, como a arte em geral, já há muito deixou de ser considerada como idealização gratuita desti-

nada a penas a passatempo, a recreação. A ficção literária, particularmente, tem a função específica de captar a interpretação da realidade. Por isso os filósofos contemporâneos servem-se do conto, da novela, do romance como formas auxiliares de suas pesquisas, interpretação e divulgação de suas teorias do real.

No caso da novela A VIAGEM a realidade levada ao vídeo resultava de intensos e múltiplos trabalhos de observação, experimentação e pesquisas realizadas no mundo há mais de um século, por cientistas eminentes dos maiores centros universitários. Atualmente essa realidade está sendo confirmada por novas pesquisas universitárias da Europa, da Ásia e da América. Os que chamam essa realidade de visão ilusória, de alternância, é que podem ser considerados alienados. Na verdade são materialistas ou céticos, apegados à superfície do real, esquecidos do princípio científico de que todo efeito tem uma causa. Mantendo-se na alie-

nação positivista ou pragmática, negam arbitrariamente a complexidade do mundo real em que vivemos, reduzindo-o apenas aos limites dos nossos sentidos orgânicos, que não vão além das aparências.

No tocante à novela SARAMANDAIA, os críticos se esqueceram da importância da Simbólica, a ciência dos símbolos, que hoje tem grande peso na Filosofia e na Psicologia. Se Ivani Ribeiro se utilizou de uma realidade mais ampla e mais profunda que a habitual (como escreveu Richet) Dias Gomes lançou mãos do recurso dos símbolos, que hoje caracterizam as mais avançadas correntes literárias. Se nem todos os símbolos por ele usados são válidos, isso é outro problema, que nem por isso justifica a acusação de alienação feita à novela. Quem diz alienado diz fora da realidade. Mas quem procura interpretar a realidade em seus significados não está por fora e sim por dentro do real.

DOGMAS DA RAZÃO

JÚLIO VIEIRA
(da Universidade de S. Paulo)

É negável que, através dos séculos, o conhecimento científico vem ocupando um lugar de importância crescente na História das Civilizações. Seus sucessos estrondosos, materializados nas conquistas tecnológicas, lhe conferem um papel primordial como instrumento humano na luta pelo domínio do meio físico. Seu poder já se mostrou capaz de raspar os próprios limites deste planeta.

Na atualidade, assistimos à culminação do prestígio disto que vamos chamar Ciência, sem preocupação em definir seus contornos exatos. Por toda parte, quase sem distinção de países, credos políticos ou classes sociais, disseminou-se uma atitude generalizada de reverência a essa entidade, mais concreta para alguns poucos, mas indiscutivelmente abstrata e até mesmo misteriosa para a grande maioria. É exatamente neste aspecto que queremos fixar a atenção.

Podemos associar o primeiro contacto que todos — ou pelo menos os que tiveram oportunidade de escolarização — tiveram com o método científico de conhecimento, aos primeiros tempos de escola. Praticamente sem exceção, porém, os processos de ensino existentes hoje em dia, até mesmo nas Universidades, nos apresentam a Ciência com as características de uma verdade revelada, um formidável edifício, produto de uma sabedoria superior, praticamente acabado, pronto para ser entregue aos homens comuns. E, assim mesmo, todos são concordes em que somente uns poucos escolhidos terão acesso aos segredos mais profundos.

Veremos que a semelhança destas e de outras características, com as que normalmente definiriam uma crença religiosa, não são mera coincidência.

De fato, que maior triunfo para o sucesso de uma doutrina nos tempos que correm, do que dizer-se fundamentada apenas e tão somente na Razão, sem dogmas e sem ter que chamar pela fé e, além de tudo, apresentar feitos retumbantes, realizações palpáveis, visíveis, cheiráveis, à prova de qualquer incrédulo?

Alie-se a isso uma instituição formidável, fortemente, hierarquizada, com dimensões universais, para zelar pela doutrina; promovendo a comunicação dos membros desta instituição, entre si ou com o mundo exterior, através de uma linguagem esotérica, inacessível à maioria das pessoas e ter-se-á a receita completa do êxito e do prestígio popular.

Ressalte-se, de passagem, que a comparação não se refere à Ciência, propriamente dita, como acervo de um setor do conhecimento humano, mas sim ao uso que se tem feito dela, ou, mais exatamente, ao culto que se em feito a ela.

A própria comparação deste culto a uma religião não daria, por si só, motivos a críticas, não fosse o dogmatismo que na verdade existe por trás da aparência de pura racionalidade e o perigo que surge do fato desse dogmatismo não ser reconhecido pela doutrina, gerando uma participação em setores da vida humana onde sua atuação é bastante discutível.

Um primeiro dogma latente nesse cientificismo é o que considera o conhecimento científico como o único verdadeiro. Ora, uma crença deste teor leva uma supervalorização do racional, em detrimento de outros aspectos do ser humano. Esta distorção é agravada

quando se observa uma tendência à hierarquização dos vários ramos da Ciência, confringendo-se grau elevado às ciências mais “matematizadas”. Por si só, o papel da Matemática como critério de hierarquização justificaria todo um estudo, pois deve-se indagar do motivo da escolha de uma ciência cuja tendência moderna é trabalhar com elementos cada vez mais abstratos.

O progresso da Humanidade é encarado como análogo ao progresso científico e tecnológico, o que barra qualquer indagação sobre a validade das transformações que a tecnologia tem executado no planeta. Os problemas que surgem (poluição etc.) serão resolvidos por novos instrumentos, jamais por uma contenção, por exemplo, no ritmo de industrialização. O progresso da Humanidade é encarado como análogo ao progresso científico e tecnológico, o que barra qualquer indagação sobre a validade das transformações que a tecnologia tem executado no planeta. Os problemas que surgem (poluição etc.) serão resolvidos por novos instrumentos, jamais por uma contenção, por exemplo, no ritmo de industrialização. Não se coloca, também, a questão do desenvolvimento do Homem como indivíduo: indiscutivelmente o progresso científico levará a um Homem mais completo e mais feliz. Esta crença conduz a um mito ainda mais grave, ou seja, só a Ciência e sua tecnologia podem resolver os problemas da Humanidade. A proliferação de artigos, livros, filmes, programas de televisão etc. abordando pareceres de especialistas sobre os mais diversos temas — relacionamento sexual, comparação entre tipos de parto, problemas médicos em geral, psicologias dos mais diversos tipos e objetos, e assim por diante — demonstram a crença generalizada na Ciência como panaceia universal. Mais do que isto, as pessoas estão sendo levadas a transferir o poder de decisão, sobre os diversos aspectos de suas vidas, para os especialistas, tendendo a uma atitude passiva diante dos problemas. Tudo se torna mais grave com respeito a nações e governos que, quando não transferem as decisões para os especialistas, utilizam-nos para justificar as próprias decisões, certos de, com esse respaldo, enfraquecerem as possíveis oposições. Em campos como a moral, a economia, a política e outras, é de se antever quão nociva tal prática pode ser, pois são áreas que exigem mais do que uma soma de conhecimentos ultra-especializados, necessitam de uma sensibilidade ampla para um sem número de aspectos, algo difícil de ser preenchido por uma instituição que faz seus membros saberem cada vez mais sobre menos coisas.

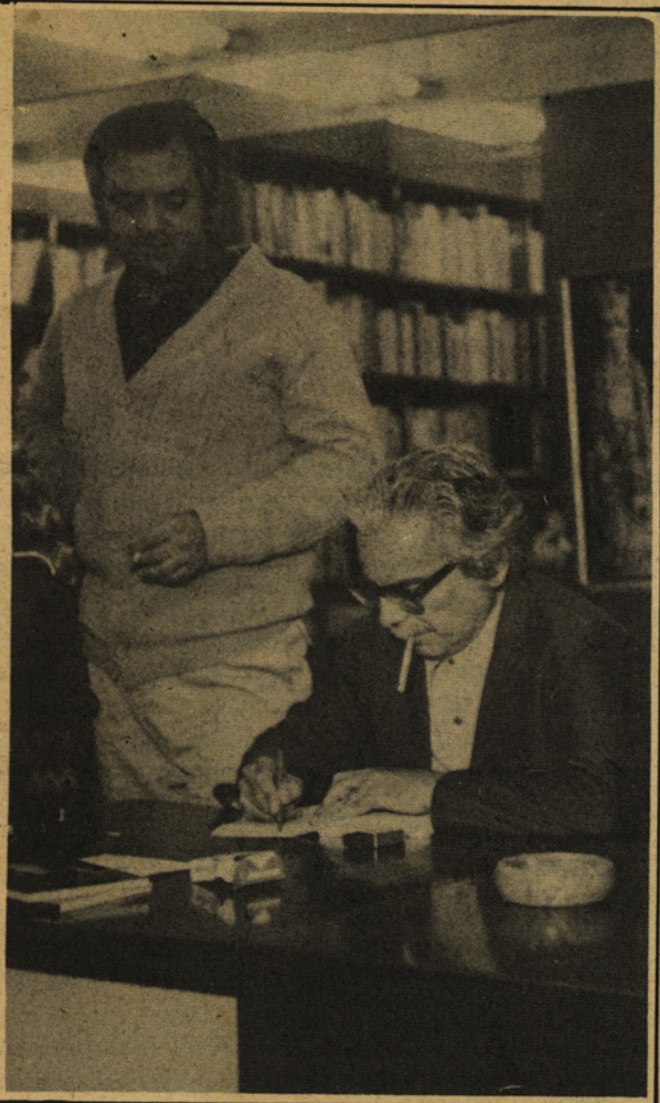
AGONIA DAS RELIGIÕES

J. HERCULANO PIRES

é uma revisão de conceitos envelhecidos sobre religiões, ateísmo, materialismo e pragmatismo, revelando uma posição nova do homem ante essas questões na Era Cósmica. Um livro que integra o homem no Cosmos, dando-lhe o lugar certo entre todas as suposições incertas. Claro, objetivo, corajoso e sobretudo audacioso. Não ameaça nem agride, mas esclarece.

EDIÇÕES PAIDÉIA

Rua Dr. Bacelar, 505 — CEP 04026
Fone: 549-3053 — São Paulo



Ferreira da Silva escrever o prefácio. Um livrinho delirante, que Dantas classificou como “um manual das demasias do coração”.

De lado a lado os jagunços se derramam em efusões emotivas, na pureza da intimidade sertaneja. Guimarães Rosa, afeito às metamorfoses do sertão, onde lagarta vira borboleta e cobra troca de pele com facilidade, vai escrevendo um a carta e a transforma em poema, saudação de poesia cabocla ao jagunço que espregueira no Planalto enquanto ele delira no Rio com os seus personagens de sonho.

Por falar em sonho, Dantas confirma o que já se sabia à boca pequena: Guimarães Rosa era médium. Dá mesmo a relação das histórias que Guimarães recebeu em sonho. Uma delas, que lhe surgira por intuição, foi escrita numa sexta-feira, mas durante a noite Guima a refez em sonho e no sábado teve de reescrevê-la. Isso é o próprio Guima quem conta numa das cartas agora publicadas.

Mediunidade é coisa de escritores, de artistas e pensadores, de gente que vive mais do espírito que do corpo. Médium foi Guimarães Rosa, médium é Paulo Dantas, médiuns sertanejos que ouvem vozes, têm sonhos premonitórios, visões de outras esferas. Podiam, se não tivessem saído das brenhas, dos chapadões das Gerais ou das águas sem fim do Rio São Francisco, ser pais-de-santo em terreiros de macumba ou “aparelhos” de alta valia em mesas-brancas sertanejas.

Sem a ajuda da mediunidade, que hoje chamam de percepção extra-sensorial, Homero não teria escrito os seus poemas, Shakspeare as suas tragédias, Platão a sua filosofia.

O livro acaba num poema a quatro mãos, de Paulo Dantas e Dora Ferreira da Silva, exaltando a grandeza de Guimarães Rosa:

— Ariel montado/num galopante cavalo azul/de arreio prateado.

Várias cartas de Rosa são reproduzidas em fotocópias perfeitamente legíveis. “Sagarana Emotiva” é um documentário da amizade jagunça em plano literário.

CORPO E ALMA

3 —

Jesuitas e Caciques

PLANO DA SÉRIE

1. A Cidade Terrena e a Cidade Celeste.
2. O Deus do Mar e a Deusa da Terra.
3. Jesuitas e Caciques fundam a Cidade.
4. Gigantes de Botas de Sete Léguas.
5. Lâmpioes de Gás e Iluminação Lunar.
6. Surto Cafeeiro e Nobreza do Café.
7. Martinelli: um salto sobre os telhados.
8. O rush Agro-Industrial.
9. O Caldeirão Racial dos Trópicos.
10. Nova Babilônia às Margens do Tietê.
11. Psicopatologia da Metrópole.
12. Os Enigmas da Alma Bandeirante.
13. O Complexo Metropolitano.
14. Civilização Caipira e Cosmopolitismo.
15. Abertura Tecnológica da Era Cósmica.
16. Expansão Cultural e Universitária.
17. O Aqui e o Agora de São Paulo.
18. Perspectivas para o Ano 2.000.

Esta série de trabalhos sobre a Cidade de São Paulo, iniciada em nosso n.º 5, devia ter maior desenvolvimento na Edição Especial de Janeiro-Fevereiro, comemorativa do 422.º aniversário da metrópole o que não foi possível. O trabalho introdutório tratando do primeiro tema do plano e intitulado "A Cidade Terrena e a Cidade Celeste", foi de autoria da Redação de MENSAGEM, como logicamente devia ser. Por isso não apresentou-se com nenhuma assinatura individual. O segundo, que hoje divulgamos, é de autoria pessoal do nosso diretor, que o assina. Os trabalhos seguintes serão de autoria de vários estudiosos de renome, que focalizarão os temas seguintes do plano ou desenvolverão subtemas por eles propostos, de acordo com seus interesses ou suas especialidades. Haverá, portanto, flexibilidade no desenvolvimento do plano. A publicação será feita ao longo de todo o ano de 1976, podendo prolongar-se em 1977, conforme o interesse demonstrado pelos nossos colaboradores nesse murir cultural.

Até o momento, aceitaram os nossos convites os seguintes intelectuais: Raimundo de Menezes, presidente da União Brasileira de Escritores e membro da Academia Paulista de Letras; Caio Porfírio Carneiro, contista e secretário da UBE; Brasil Banecchi, historiador; Clóvis Moura, sociólogo; Hermann José Reipert, romancista; J. Pereira, editor científico dos "Diários Associados"; Ibiapaba Martins, romancista. Outros convites estão sendo formulados. A variedade das posições pessoais dos colaboradores no trato dos temas permitirá uma visão diversificada e mais rica da problemática paulistana, sem prejuízo da unidade da série. O romancista e ensaísta Paulo Dantas foi o primeiro a nos enviar uma colaboração que publicamos neste número.

J. HERCULANO PIRES

(Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo)



A FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO foi um ato de amor. Esse amor se manifesta em dois planos horizontais: o amor ao próximo, que levava os jesuitas ou "soldados de Jesus" a querer converter os índios para salvá-los da perdição dos pecados, e o amor à terra do paraíso perdido que os padres reencontravam nos Campos de Piratininga. Mas a terceira dimensão desse amor se voltava para Deus, num impulso vertical de adoração ao Criador. Esse o carisma de São Paulo dos Campos de Piratininga, que não nasceu da terra por interesse material, nem para ser defesa militar da costa ou entreposto de comércio marítimo. Por isso a grandeza de São Paulo não pode ser pesada na balança dos financistas e a sua história não pode reduzir-se a uma sequência de episódios cronologicamente encadeados.

A verdadeira História de São Paulo ainda não foi escrita, pois na verdade ela não pode ser uma história, tem de ser uma parahistória. Como já vimos no caso de João Ramalho e Bartira, há mais significados ocultos entre a praia de São Vicente e o Planalto piratiningano do que podem supor os nossos historiadores. Tudo o que se fez até agora foi um trabalho de base no plano horizontal da realidade concreta. Mas chegou o momento — no limiar da era cósmica — em que o sentido vertical da história paulistana exige vãos de astronautas.

Quando André Bréton, autor do manifesto surrealista, visitou o Brasil, declarou que havia encontrado um país surrealista. A supra-realidade de Bréton não passava da dinâmica do inconsciente, mas não há dúvida que ele captou o aspecto supranormal de um mundo novo que nascia em Piratininga. Como assinala o historiador Hernani Silva Bruno, com apoio em outros observadores, São Paulo é a cidade que nasceu e cresceu como por milagre, numa fase em que todas as fundações brasileiras eram litorâneas e atendiam a exigências práticas do povoamento e do comércio costeiro. Uma cidade-milagre, em que hoje, por sinal, vivemos também por milagre.

PADRES E CACIQUES

A terra verde sob o céu, núvens e aves coloridas, rios piscosos e árvores frutíferas, a descendência nua e pura de Adão e Eva com suas tangas e cocares de plumas, Tupã clamando com sua voz de trovão nas alturas abismais — todo o quadro bíblico do Paraíso Terrestre descortinava-se ao olhar assombrado dos Padres da Companhia de Jesus. O Tigre e o Eufrates eram substituídos pelo Tietê e o Tamanduateí. Por certo a Misericórdia Divina havia perdoado os filhos rebeldes. Do outro lado do mundo Iavé renovava a experiência da vida paradisíaca. Se Nóbrega, o Provincial, aplicava o senso prático do português na execução das tarefas redentoras, Anchieta, o canarino, deixava-se levar pela intuição poética das Ilhas Canárias, tradu-

zindo os cantos melódicos das aves em poemas de louvor à Mãe Divina.

As disputas sobre quem fundou São Paulo, se Nóbrega ou Anchieta, desaparecem à luz da parahistória. O ato de fundação é o resultado de um complexo de fatores mesológicos e paramesológicos, endógenos e exógenos, em que os indivíduos e os grupos de indivíduos funcionaram como vetores e blocos vetoriais de tempo-energia, impulsionados por anseios utópicos e idéias-padrões de um ideal comum. Como em todas as grandes realizações históricas, a liberdade humana consistia no entresamento consciente, mas baseado em elementos afetivos que determinavam e disciplinavam a comunhão de esforços na direção do alvo ideal.

Podemos distinguir três grupos bem definidos nessa conjugação heterogênea: as tribos indígenas, os sertanistas do arraial primitivo e os padres jesuitas. Coube a estes a liderança, como elementos de uma civilização superior guiados por objetivos definidos. Os sertanistas aparentemente eventuais e os indígenas funcionaram como unidades atraídas pela força de gravidade do grupo jesuítico. No grupo indígena os caciques sintonizaram-se intuitivamente com os ideais dos padres, como expoentes dos fatores endógenos, integrando-se no complexo sócio-cultural em desenvolvimento. Os sertanistas, ao que parece, foram mais atraídos pelas exigências socializantes do "aqui e agora" em que se viram envolvidos.

Para os caciques, dos quais se destacam os nomes históricos de Tibiriçá, Caubi e Piquerobi, a ação dos jesuitas representava uma abertura fascinante no estreito horizonte-tribal em que viviam, descortinando-lhes as perspectivas de um novo mundo. Os anseios latentes na alma indígena, no plano inconsciente dos arquétipos junguianos da espécie, encontravam a oportunidade existencial de atualização. Nóbrega era a consciência européia investida dos poderes de orientação. Anchieta o coração canarino, embalado nas reminiscências dos trinados canoros e da poesia bucólica de Tenerife, sempre fiel aos sonhos dos seus 17 anos de noviço em busca da Terra de Canaã. Foi nesse complexo ídeo-psíquico de extrema sutileza moral e extrema simplicidade material (aparente) que Jesuitas e Cacique fundaram São Paulo. Os mundos antípodas de uma civilização primitiva e de uma civilização avançada fundiam-se na mesopotâmia paulista, ainda sob o influxo remoto do fiat.

DINÂMICA DE GRUPO

As instalações jesuíticas de São Vicente funcionaram como cabeça-de-ponte para a penetração nas selvas do planalto. Foi ali que Nóbrega e Anchieta conviveram durante catorze anos, conjugando-se nos trabalhos preparatórios da missão que os esperava. João Ramalho, que também começara pela praia vicentina, se não fundou (pois esse é um dos enigmas na nossa História) na verdade foi quem estruturou e desenvolveu o arraial de Santo André da Borda do Campo,

DE SÃO PAULO

es fundam a cidade

submetendo as tribos do planalto à sua orientação. Contrastam com a sua posição de chefe branco das tribos as afirmações de historiadores, até mesmo de Rocha Pombo em sua "História do Brasil", de que o seu negócio principal era a venda de índios no litoral como escravos. Parece mais certo que Ramalho tenha agido com a prudência e a lealdade necessárias na conquista do prestígio que manteve sobre as tribos que lhe foram sempre leais, valendo-lhe também o prestígio das autoridades portuguesas em toda a sua vida. O fato inegável é que Santo André funcionou como segundo ponto avançado da conquista do planalto e como elemento decisivo na consolidação da fundação de São Paulo. Não é difícil perceber-se o plano histórico desenvolvido em etapas sucessivas, sem consciência prévia de todos os pormenores, e nem mesmo do lineamento geral, pelos que o realizaram.

A dinâmica do grupo jesuíta começou na ligação Nóbrega-Anchieta e desenvolveu-se progressivamente no entrosamento espontâneo dos demais elementos provindos de São

Vicente e Santo André para o núcleo do planalto. A designação do Padre Manuel de Paiva para superior do Colégio de Piratininga, quando Nóbrega teve de seguir para a Bahia, teve por motivo a capacidade administrativa do escolhido. A Anchieta coube naturalmente a função catequizadora. Era nessa função amorosa que lhe cabia a tarefa cultural de criar a literatura da nova terra, arrancando-a ao mesmo tempo do chão e da língua indígena. O poema à Virgem, escrito na areia úmida da praia, foi o nascimento virginal da poesia brasileira, impregnada dos elementos telúricos da gênese planetária e das energias psíquicas da nova era.

Se comparamos o que então faziam na Europa os jesuítas, na luta contraditória da contra-reforma, com a missão renovadora que o grupo jesuíta de Piratininga cumpria em nossa terra, veremos que os "soldados de Jesus", verdadeiramente fiéis, estavam no planalto paulista. O exemplo de abnegação que davam esses soldados sem soldos, no trabalho doméstico, nas lides de assistência à miséria indígena, no socorro aos brancos

transviados pela fascinação da selva, na pacificação das tribos rebeldes, revela que a dinâmica de grupo por eles desenvolvida refletia a estrutura da comunidade apostólica dos primeiros tempos cristãos, de que nos dá notícia o Livro de Atos dos Apóstolos. É curioso como, submetidos a uma disciplina eclesiástica duramente formalista, que lá fora desfigurava o Cristianismo, os jesuítas do planalto mergulhavam de corpo e alma no esforço primitivo, não obstante alguns desvios de perspectiva determinados pela herança cultural européia. Exemplo claro desses desvios foi a atitude de Nóbrega, revelada francamente em seu "Diálogo da Conversão do Gentio". O próprio Anchieta participou das medidas de violência ali preconizadas, ante a rebeldia instintiva dos indígenas. É incrível como ambos não tenham percebido a defasagem cultural que impedia os selvagens de compreenderem realmente, assimilando como os jesuítas desejavam, uma religião superior. Essa foi a falha humana inevitável, determinada pelas forças atávicas da espécie, que se opôs aos desígnios da História, sem entretanto impedir que eles se realizassem no essencial.

Uma figura curiosa se destaca, ao lado de Anchieta, para contrabalançar essa falha. É a do Padre Leonardo Nunes, o Abarabebê, assim chamado pelos indígenas porque, à maneira da ave designada por esse nome, voava constantemente de um lado para outro, sem respeitar intempéries e dificuldades, para atender às necessidades da população de índios, mamelucos e brancos que crescia sem cessar em torno do Colégio. Quatro séculos mais tarde, um português da Freguesia das Águas Santas, Antonio Gonçalves da Silva, iniciador do movimento espírita no planalto, seria chamado popularmente de Baturá, pelo mesmo motivo. E integraria esse apelido em seu nome. Baturá era uma ave peralta dos pântanos paulistanos, conhecida pela ligeireza com que corria e voava por todos os lados. Coincidências significativas, como hoje se diz em parapsicologia, que servem para ligar as fases históricas através dos tempos.

O SIGNO CARISMÁTICO

O carisma é uma graça divina. São Paulo, como vemos, nasceu e se desenvolveu marcado por essa graça. Sua missão carismática confirmou-se na História. A vila de casas de taipa e ranchos de pau-a-pique cobertos de sapé ou palmas de aricanga tornou-se o centro da expansão continental do Brasil. Bandeirantes e monçoeiros rasgaram as matas, perfuraram montanhas, escavaram minas, garimpavam rios e semearam cidades até às encostas andinas. São Paulo construiu o Brasil nas dimensões continentais que hoje ostenta, estendendo sobre ele a rede linguística unitária que sustenta a unidade nacional. Mas isso não o fez arrogante e dominador. A mesma pluralidade racial que marcou desde o alvorecer a Vila do Colégio predomina hoje em sua estrutura humana, acrescida constantemente por um fluxo migratório na-



cional e internacional. O melting-pot paulista parece não ter limites e ampliou-se por todo o Brasil. O desenvolvimento da astronáutica faz-nos pensar numa futura população cósmica, acrescida pelas migrações planetárias de mundos em condições físicas semelhantes às do nosso planeta. Tudo se torna possível ante as perspectivas surpreendentes dos novos tempos.

Os sinais carismáticos da cidade começam no ato de amor da sua fundação. Ao contrário das cidades fundadas segundo modelos traçados em Lisboa, como as do norte, São Vicente e Rio de Janeiro, São Paulo iniciou o estilo novo de um aglomerado ur-

bano espontâneo, formado aparentemente ao acaso, mas obedecendo a uma disciplina própria. Podemos dizer que à disciplina exógena do urbanismo europeu ela opunha a disciplina endógena do planalto. É hoje uma cidade típica de planalto e ainda continua, na fase metropolitana, a desenvolver-se de maneira arbitrária. O gosto brasileiro da liberdade e da improvisação atestam a sua vocação libertária, indócil às medidas do esquematismo convencional.

Será isso um mal, como sustentam os especialistas pragmáticos? Ou será um bem, a busca instintiva de novos rumos e novas for-

mas para um novo mundo que está surgindo? A tecnologia excessiva esmaga a espontaneidade da vida. Cidades nórdicas, estruturadas minuciosamente para o conforto completo do homem, como tem ocorrido na Suécia, na Dinamarca e na Holanda, acabaram gerando o tédio e o desespero, a criminalidade explosiva, a loucura dos tóxicos, a sensualidade sem freios. As inibições da técnica aprimorada e rigorosa transformam as cidades modelares em exasperantes prisões de pedra e aço, sem opções para a liberdade humana.

Clamamos hoje contra o excesso de população, as dificuldades do trânsito, o crescimento urbano desordenado. Mas é curioso lembrar que nos primeiros tempos, quando São Paulo era apenas a Vila do Colégio, os padres jesuitas já tiveram de enfrentar esses mesmos problemas. Os historiadores mencionam as medidas tomadas pelos padres para que o afluxo da população em torno do Colégio de Piratininga fosse dispersado com a criação de núcleos urbanos isolados nas circunvizinhanças, formando um cerco de vilas satélites que serviram também de sentinelas protetoras contra invasões de tribos selvagens inimigas. As medidas atuais de dispersão dos aglomerados maciços já eram tomadas no século XVI pelos fundadores de São Paulo, o que vale por uma previsão assustadora de providências que seriam exigidas num futuro longínquo.

O fato significativo de São Paulo, em pleno sertão, não haver sido cercado de muralhas defensivas, segundo o modelo europeu seguido pelas cidades do norte, mostra ao mesmo tempo o espírito inovador dos fundadores e o amor da nova raça pela liberdade. A confiança do indígena e do sertanista em suas próprias forças fundia-se com a fé dos religiosos nos poderes celestes. A fé humana e a fé divina misturavam-se numa espécie de displicência vital ou de confiança intuitiva nos poderes da vida. E nem mesmo os ataques das tribos selvagens à Vila do Colégio conseguiram convencer os padres e os caciques de que deviam isolar-se das selvas num pequeno mundo fechado. O amor à terra, às matas, aos rios, aos ventos, ao céu aberto sobre as extensões desconhecidas formava o novo homem que deveria integrar-se na Natureza confiante em si mesmo. A vila aberta e livre prenunciava o bandeirismo.

A MÍSTICA DA TERRA

Encarada nessa perspectiva parahistórica, em que os fatos não contam apenas em si mesmo, mas também nos signos que encerram, nos significados profundos de sua própria essência, a História de São Paulo pode revelar-nos a alma da cidade. E essa alma se revela impulsionada pela mística da terra, orientada pelo anseio da transcendência horizontal que Karl Kaspers definiu no plano social, mas que em São Paulo se amplia e se aprofunda em sentido telúrico.

As técnicas pedagógicas mais atualizadas insistem na necessidade de preservarmos a infância na idade adulta, de não perdermos a riqueza dos afetivos dos primeiros tempos. O maior pedagogo moderno, Rousseau, até hoje com batido pelos espíritos sistemáticos, rebelou-se contra os portões fechados da cidade murada de Genebra e iniciou a revolução copérnica da educação. São Francisco de Assis, alma elúrica, falava ao Irmão Sol, a Irmã Lua, à Irmã Água, ao Irmão Lobo, aos irmãos Peixes e às aves irmãs. Essa é a mística da terra, que permite ao homem elevar-se a Deus na mística do céu, sem apego a formalismos religiosos.

Corpo e alma de São Paulo

SOB O SIGNO DO METRÔ

PAULO DANTAS

PAULO DANTAS, romancista de muitos romances e muitos prêmios literários, jagunço das letras sertanejas, irmão e companheiro de Guimarães Rosa, dá sua contribuição à série "Corpo e Alma de São Paulo" num desabafo de amor e dor pela cidade que o progresso devora. Na sua linguagem — que dentro dele acontece — procura dizer o que sente no corpo e na alma da cidade demolida sob o signo do metrô —, monstro furaçor de subterrâneos e túneis com muito conforto e rapidez elétrica e eletrônica.

É a primeira contribuição que nos chega, das muitas pedidas e prometidas. A técnica de Paulo Dantas é dizer mais por dentro que por fora, mais no brotar das palavras que nelas mesmas. O leitor sentirá a sua vivência paulistana de muitos anos, suas ausências acontecidas na prova da saudade, sua dor pelas coisas que desaparecem e seu amor pelas que surgem.

E verá que na sua linguagem só dele, mistura de sertão e civilização, a cidade impossível, metrópole das metamorfoses kafkanas, é apanhada inteira como mosca zumbidora numa teia, a teia de aranha do progresso devorador.

Paulo Dantas fala da cidade em ritmo de tenência e coragem, de cabra do sertão que pega o progresso urbano à unha e monta no touro em pelo para subir encostas e descambar em buracos de tatús tecnológicos. Sua contribuição enriquece a nossa série de interpretação sócio-cultural e psico-parahistórica de São Paulo.

O metro é isto: — tiraram os quatro cavalos de ferro que existiam, em estátua, na Praça Tiradentes e não sei onde botaram! Sumiram com o edifício onde morei, arrancaram o Largo de São Bento, a Praça da Liberdade, a Praça Clóvis Bevilacqua e outras praças, fazendo, debaixo delas, estações que são como pequenas cidades solitárias dentro da cidade grande. O novo caminho tem uma função destrutiva da memória popular, virada saudade, e vai, furando o chão, em nome do progresso urbano, a devorar quilômetros. Só respeitou o poluído Tietê porque a engenharia não podia com suas águas, daí ter passado por cima, feito trem aéreo, bifurcando-se, em leque, na Avenida Cruzeiro do Sul, buscando o final da sua linha Norte.

Esta cidade é progressista demais e nela não temos o direito de ter saudades, porque saudade dói e pertence ao passado.

E vai ser assim com o velho e seresteiro Brás, onde depois dos italianos, os teimosos nordestinos não morarão jamais. Vai ser assim com a Caetano de Campos, onde gerações inteiras estudaram suas lições. A ladeira da Memória já está cercada por máquinas e perfuradoras automáticas, mas eu preciso cantar esta cidade, amando-a mesmo em meio do pó e das demolições, sem contar com seus níveis poluídos, que aumentam o cinzento da sua cor, que vai acabar virando seu tom natural.

Como romancista, há anos atrás, prevendo o fenômeno desse pesado ônus que teríamos de pagar ao progresso, eu já escrevia, resignado, na "cidade cinzenta, mas amada" precisamos viver, temos de viver, amando e querendo bem as suas coisas boas ou ruins também.

Nos peitos, nos rins da cidade, neles estrangulados, não podemos chorar saudades, porque a cidade é um organismo vivo, que, dia a dia, se recompõe, assim como os nossos tecidos ou ilusões.

Sob o signo do progresso e no começo do Trópico de Capricórnio, bode astrologicamente doido,

a cidade se coloca, determinando destruições diárias, com as quais, em nome de uma nova filosofia de vida temos de nos conformar para continuar vivendo, apenas sendo, por dentro, saudosistas.

"Guindastes se erguiam no meio da rua como se fossem navios parados. Todo o começo da Avenida da Liberdade era uma demolição só".

Assim, quando para aqui voltei, escrevi noutro romance, sob o signo do metrô, que hoje tomo e volto para casa, tranquilo e menos cansado, embora saiba que aqui não se descansa.

— Como um Riobaldo frustrado, eu já curti esta cidade, em saudades. Essas coisas que somente São Paulo possui: — neblinas em tardes úmidas, becos históricos demolidos, viadutos, calçadas rebentadas, avenidas estreitas alargadas, praças feias e tristonhas. Já curti bienais, carnavais inexistentes, sentimentos removidos, condutos subterrâneos, todas as vias certas ou erradas para se entender uma grande cidade que cresce sem respeito a nada e não pedindo licença a ninguém. Agora compreendo, em segredo entendimento, que basta ter um pouco de amor e de conhecimento para se obter um bocado de descanso na loucura coletiva desta grande metrópole enlouquecida pela febre do progresso, antepondo a poesia a todas as suas formas corrompidas ou aos seus níveis poluídos.

Nos gerais desvãos é preciso achar beleza nos seus movimentos, nos seus elevados e edifícios, prédios grandes que se avistam de todos os lados, até mesmo nos bairros. De longe ou de perto, há nela, cidade, toda uma poesia escondida em cinzento e concreto, poesia armada numa luz difusa, que, secretamente, muda de cor e de fêtiço a cada instante. Porque São Paulo é movimento incessante em ritmos dissolutos, em lutas e batalhas cotidianas; aqui não se descansa, nem de noite, nem de dia. Aqui há núdulos e módulos de uma linguagem universal onde se misturam as línguas, os sentimentos das terras distantes, os sertões urbanos, os dialetos da riqueza e da miséria. Vejo favelas demolidas dando vez aos grandes edifícios, que, em vão, tentam acabar com a pobreza, planta teimosa e viçosa, crescida e inchada às margens dos córregos poluídos, das águas envenenadas, das velhas cicatrizes abertas.

Assim é São Paulo cantada numa linguagem nova, como agora faço, linguagem que dentro de mim acontece e me faz dizer que é preciso peito e raça, muita tenência e coragem para aqui se poder viver melhor.

Assinaturas de MENSAGEM

12 números — Cr\$ 50,00

Rua Dr. Bacelar, 505
04026 — São Paulo
Fone: 549-3053

Exemplar do mês 5,00
Atrasado 6,00

Cursos populares de Mensagem

Sermão da Lua Cheia

Frei Guido de Catânia

Meus irmãos de sofrimento.

Quando vejo a Lua Cheia, tão bonita e redonda, penso no verbo encher. Que enchimento ela deve ser para aquelas estrelinhas pálidas, trêmulas e magrinhas que a rodeiam no infinito! Ainda bem que essa vaidosa não sustenta por muito tempo a sua empáfia. Sofre de magreza quartã, como febres quartãs dos caboclos de beira rio, e depois de um quarto de mês de exibição entra a definhir e se transforma na pestana do minguante, chupada e arcada. Isso nos deve lembrar a Justiça Divina, que sempre dá um jeito nas criaturas arrogantes. Podem notar que basta a minguança da Lua para que logo apareçam no céu estrelas em fase de engorda, como a Dalva ou a Vesper, que afinal são duas numa, como essas latas de marmelada e goiabada 2 em 1.

Para quebrar a vaidade da Lua Cheia Deus usa ainda outras medidas. Faz o Sol brilhar mais do que ela, uma simples nuvem encobrir ou manchar a sua face, e os homens descobrirem, pelo telescópio, que a face coberta de base está cheia de crateras por baixo da pomada. E para que o Sol também não viva cantando de galo, faz a sombra da Lua eclipsa-lo e acende sobre ele outros sóis maiores na imensidade. Deus sempre acha meios de corrigir as suas criaturas, seja no Céu ou na Terra. Quem muito se enche acaba murchando. Não há balão que não arrebente ou flor que não murche.

Mas o que mais me aborrece na Lua Cheia é lembrar-me das enchentes. Nesse ponto chego a brigar com Deus. A gente ribeirinha vive às voltas com a enchimento dos rios. Por toda parte, no tempo das águas, os pobres que moram nas barrancas e os infelizes que moram nas baixadas das cidades são assaltados e roubados pelas águas. Porque há de ser assim, se Deus bem podia fazer as águas correrem para cima a roubar os ricos, em vez de levar as misérias dos pobres? Isso me encafifa. Mas, pensando bem, vejo que isso só serviria para colocar os ricos em baixo e os pobres em cima, sem resolver coisa alguma, pois os pobres, mesmo em cima, continuariam, por baixo. O problema é dos homens e não de Deus.

Posso parecer herético ao dizer isto, mas se Deus nos deu raciocínio e livre arbítrio, deve ter sido para aprendermos a usa-los e não para ficarmos na dependência d'Ele em questões da nossa própria vida e convivência com os semelhantes. Quem manda calçar e asfaltar praças e ruas da cidade? Claro que não é Deus. E o homem acaso não sabe que as pedras e o asfalto impedem a terra de absorver as águas? E não sabe que as águas não chupadas pela terra vão correr para as baixadas? Nos rios e nos mares o homem não sabe que existem marés e enchentes no tempo das águas? Se sabe, porque não faz suas casas no barranco ou no morro? Só para evitar o trabalho de subir e descer e subir, que é um bom exercício e defesa contra o enfarte? Vemos que os próprios ribeirinhos e baixadistas são culpados do que sofrem. E se os ricos não ajudam os pobres a evitar isso, é porque não podem deixar de pensar na riqueza para pensar na pobreza, o que seria de muito mau gosto.

A Lua Cheia está no céu nesta noite e nos faz pensar nos altos e baixos do problema da enchimento. E bem pensando não podemos negar que Deus anda certo e os homens é que desandam nos erros. Não adianta queremos bancar sabedoria e para resolvermos o que não é de nossa competência. Tudo se resume nesta fórmula-1 da corrida de enchimento: se os ricos correm atrás da riqueza, para encher as suas burras de ouro, os pobres coitadinhos correm atrás de seus trastes levados pelas enchentes, para que suas casas ou casebres não fiquem vazios. Uns e outros querem enchimento. Mas de encher a cabeça de juízo e o coração de amor ninguém se lembra. E no entanto é essa a única enchimento que Deus nos propõe. Se fizessemos isso veríamos que tudo nos enche porque não sabemos nos encher do que nos convém. A Lua Cheia vai esvaziar-se no minguante. Ricos e pobres se esvaziam na cova, sem exessão. Então porque, meus irmãos, porque não cuidamos de encher a todos, a ricos e pobres, com as águas do amor ao próximo, que nos livram de todas as enchimentos do mundo?

EDUCAÇÃO 2 - O mistério do Ser

A educação depende do conhecimento menor ou maior que o educador possua de si mesmo. Porque conhecer-se a si mesmo é o primeiro passo do conhecimento do ser humano. A Humanidade é uma só. O ser humano, em todas as épocas e em toda parte, foi sempre o mesmo. Sua constituição física, sua estrutura psicológica, sua consciência são iguais em todos os seres humanos. Essa igualdade fundamental e essencial é o que caracteriza o homem. As diferenças temperamentais, culturais, de tipologia psicológica, de raça ou nacionalidade, de cor ou tamanho são apenas acidentais. Por isso mesmo a Educação é universal e seus objetivos são os mesmos em as épocas e em todas as latitudes da Terra.

Essa padronização, que devia simplificar a educação, na verdade a complica, porque por baixo do aspecto padronizador surgem as diferenciações individuais e grupais. Cada indivíduo é único, diferente de todos os demais, mesmo nos grupos afins. O tipo psicológico de cada ser humano é único e irredutível à massa. O mistério do ser, que aturde os educadores, chama-se **personalidade**. Cada ser humano é uma pessoa. E o é desde o nascimento, pois já nasce formada com sua complicada estrutura que vai apenas desenvolver-se no crescimento e na relação social. É difícil para o educador dominar todas essas variações e orientá-las.

Educar, como se vê, é decifrar o enigma do ser em geral e de

cada ser em particular, de cada educando. René Hubert, pedagogo francês contemporâneo, define a Educação como um **ato de amor**, pelo qual uma consciência formada procura elevar ao seu nível uma consciência em formação. A Educação se apresenta, assim, como Ciência, Filosofia, Arte e Religião. É Ciência quando investiga as leis da complexa estrutura humana. É Filosofia quando, de posse dessas leis, procura interpretar o homem. É então quando o educador se debruça sobre o educando para tentar orientá-lo no desenvolvimento de seus poderes internos vitais e espirituais. É Religião porque busca a salvação do ser humano no torvelinho de todas as ameaças, tentações e perigos do mundo. O verdadeiro educador é o que pratica a Religião verdadeira do amor ao próximo, naquilo que podemos chamar o Culto do Ser no templo do seu próprio ser.

Não se trata de uma imagem mística da Educação, mas de uma tentativa vê-la, compreendê-la e aplicá-la em todas as suas dimensões. O ato de educar é essencialmente religioso. Não é apenas um ato de amor individual do mestre para o discípulo, mas também um ato de integração e salvação. A Educação não procura integrar o ser em desenvolvimento numa dada situação social ou cultural, mas na condição humana, salvando-o dos condicionamentos animais da espécie, elevando-o ao plano superior do espírito.

É fácil compreendermos como está longe de tudo isso o profissionalismo educacional do nosso tempo. Tinham razão os filósofos gregos quando condenaram o profissionalismo dos sofistas. Não se tratava apenas de uma diferenciação de classe sociais mas da luta contra o abastardamento das Educação pelos que negavam a existência de verdade a troco de interesses imediatistas.

Como ajustar os fins superiores da Educação às exigências de uma civilização baseada no lucro? A falta de uma solução para esse ajustamento é a origem da crise universal da Educação em nosso tempo. Não obstante, a solução poderia ser encontrada na aplicação de processos vocacionais. Nenhum tipo de educação coletiva pode ser eficiente se não estiver em condições de observar a orientar as tendências vocacionais.

O desenvolvimento da Era Cósmica, apenas iniciado com as conquistas atuais da Astronáutica, traz novos e graves problemas ao campo educacional. Toda a Terra está sendo afetada pela nova concepção do homem e da sua posição no Cosmos. O aceleramento do processo tecnológico está levando o homem a conhecer melhor a sua própria condição humana. O ceticos dos últimos tempos vai cedendo lugar a um despertar de novas e grandiosas esperanças. A Educação da Era Cósmica começa a nascer e os educadores começam a perceber que precisam renovar os processos educacionais.

ORGANIZAÇÃO CONTÁBIL — TEC-BRAS —

Aberturas — Transferências — Encerramentos de Firms — Inscrição Para Feirante e Ambulante — Requeriments — Documentos — Assessoria Jurídica, etc.

RUA TTE. CEL. CARLOS DA SILVA ARAUJO, 151

— FONE: 247-4784 —

SANTO AMARO — SÃO PAULO

Tijolos — Cal — Cimento — Pedra — Areia — Ferro — Encanamentos — Materiais para Construção em geral

MARAPÁ

Materiais p/ Construções Ltda.

inscrição 109.444.862 — CGC 47.102.389/0001

Estrada de Itapecerica, 3.333 — Capão Redondo — Fone: 247-8614
CEP 05835 — Santo Amaro — São Paulo

O fenômeno de Agênere na novela "A Viagem"

Uma das cenas de «A Viagem» que causou mais estranheza foi aquela em que Diná, espírito, evitou a queda de Patricinha, sua filha, quando procurava esconder o colar em cima do guarda-roupa. Diná apareceu de súbito no quarto e pegou a menina, carregou-a no colo e depois passou a brincar com ela na cama como se ainda estivesse encarnada. Cena profundamente comovente, em que a mãe morta brinca com a filha viva.

Várias perguntas nos foram dirigidas a respeito. Algumas um tanto agressivas, como a de um leitor que escreveu:

«Onde estava o Prof. Herculano Pires, assessor espírita da nove-

lista Ivani Ribeiro, que não viu esse absurdo? Ou será que o ilustre professor tem também uma teoria sua a respeito para explicar esse erro clamoroso? Ou ele, que tanto gosta de criticar os outros, terá coragem de confessar o seu erro?»

Encontramos na doutrina espírita dois tipos de fenômenos que permitem o aparecimento do espírito como criatura viva e encarnada: o fenômeno de materialização e o fenômeno de agênere, a que Kardec chamou também de «aparição tangível». A palavra agênere quer dizer: não gerado.

A teoria do agênere é a de que o espírito pode, por sua vontade

ou num impulso inconsciente, adensar a estrutura energética do perispírito (corpo espiritual) tornando-o visível e tangível. Vários fatos foram registrados em todo o mundo e figuram em obras espíritas e não-espíritas. Na própria Bíblia encontram-se manifestações de agêneres. Nos Evangelhos ressaltam as aparições de Jesus como casos típicos de agêneres.

No caso da cena mencionada, da novela «A Viagem», a manifestação de Diná como agênere teria sido provocada por um impulso inconsciente do espírito ao perceber a menina em perigo. Já em outras cenas em que Diná se

torna tangível para brincar com a filha, o adensamento do perispírito deve ter sido produzido conscientemente pelo espírito. O agênere age com todos os poderes de uma pessoa encarnada. É o que se verifica no caso de aparição de pessoas mortas a pessoas vivas (segundo o nosso falso conceito de vida) em que o vivo ainda não sabe que o outro já morreu. O agênere e o vivo se abraçam e conversam normalmente. Em São Paulo houve dois casos impressionantes no meio jornalístico, com pessoas que ainda estão vivas e atuantes. Houve também o caso de um famoso bispo que apareceu ao seu sucessor em plena rua que foi

relatado há anos pelo prof. Silveira Bueno num artigo publicado na «Folha da Manhã».

No caso de agênere não se trata de ectoplasma ou materialização, como supôs o prof. William Crawford. A materialização implica a doação de material orgânico do médium ao espírito, para que ele se torne visível e tangível. No agênere o espírito se serve das próprias energias materiais do perispírito (corpo espiritual) como se vê na teoria do agênere, publicada na *Revista Espírita* de Allan Kardec. É por essas e outras que o espírita precisa estudar a sua doutrina, não se fiando em teorias pessoais de mestres improvisados.

O polvo dos tóxicos nos ameaça

A batalha não é apenas das autoridades. É nossa, de todos nós. Os tentáculos mortais do polvo, dos tóxicos, do tráfico de entorpecentes, já penetraram demasiado fundo na carne do Brasil. As investigações da polícia especializada, nestes últimos meses, revelaram que a capital paulista se transformou num centro de distribuição de produtos malditos, desde a maconha, a marijuana grosseira, até o refinadíssimo LSD ou ácido lisérgico. Por toda parte, das favelas aos palacetes e das escolas de primeiros graus às Universidades, os agentes do vício destruidor estão em ação permanente, estendendo cada vez mais a rede dos condenados à aniquilação progressiva e à morte. Os grandes prédios luxuosos, de ricos apartamentos, foram envolvidos nos tentáculos do polvo.

A atividade diabólica dos agentes do vício não respeita idades. A fome de lucros ilícitos leva-os a vampirizar crianças, adolescentes e jovens, além dos mercado vil instalado entre a população adulta. As providências oficiais, através de rigorosas medidas policiais estão sendo reforçadas e ampliadas. Mas é necessário que cada cidadão consciente se aliste voluntariamente na grande batalha, denunciando à polícia os casos suspeitos ou positivos de que tomarem conhecimento. Um minuto de tolerância pode ser fatal para centenas de criaturas desprevenidas que podem cair nas armadilhas do vício. Estamos diante de um inimigo impiedoso, desumano, cruel, atrevido e tenaz, que não recua diante de advertências e ameaças, e muito menos de pregações morais.

DIVISÃO DE ENTORPECENTES

Num de seus editoriais da edição de 4-4-76, o «Diário de S. Paulo» informou que a atual Delegacia de Entorpecentes vai ser transformada em Divisão especializada para o combate mais amplo e rigoroso ao tráfico

vil. E acrescentou: «A experiência mostrou que a rede complexa é cada vez mais extensa dos contraventores exige outros recursos mais amplos. Daí a iniciativa governamental de elevar a Delegacia de Entorpecentes à categoria de Divisão, afim de dotá-la de maior capacidade operacional. A esse respeito divulgam-se pormenores que evidenciam a disposição no poder público de São Paulo de mover guerra sem tréguas ao traficante de drogas».

A instalação de nova Divisão permitirá uma ação mais dinâmica e eficaz das autoridades no combate à máfia do vício, com a ligação de diversas áreas policiais para ação em conjunto, incluindo as unidades policiais do interior do Estado. Por outro lado, haverá conjugação com a Polícia Federal e mesmo com a Internacional. Com a finalidade de entender-se com as autoridades paulistas a respeito, o prof. Archer Tongue, presidente do Conselho Internacional de Alcoolismo e Toxicomania, estará em São Paulo neste mês de abril. Dessa visita deverá resultar a assinatura de um convênio da entidade internacional com o Governo do Estado, certamente referendado pelo Governo Federal, que também se empenha na solução do problema.

PRODUÇÃO NACIONAL

A recente descoberta de uma usina de produção de cocaína no Estado do Rio é considerada como sintoma da existência de uma rede nacional de produção de tóxicos, através de instalações clandestinas. O interesse internacional pelo nosso problema aumenta naturalmente com essa possibilidade de exportação da produção clandestina. O combate ao tráfico de drogas para fins condenáveis exige a cooperação de todos os países, particularmente daqueles onde existe a possibilidade de produção própria.

Como em todos os países do mundo, o tráfico vil conta com o apoio de elementos das classes abastadas, onde o comércio clandestino é mais rendoso e a tentação do vício encontra maior aceitação. Os traficantes do vício, como os de qualquer comércio ilícito, procuram, por sua vez, penetrar mais intensamente nos meios de todos os recursos. Mas as classes abastadas também conhecem as consequências perigosas dessa propagação diabólica e organizam as suas próprias defesas. A ação mais ampla nos poderes oficiais na luta contra essa invasão perigosa certamente despertará em todas as classes sociais e consciência do perigo que pesa sobre toda a nação.

VIGILÂNCIA E CONFIANÇA

O problema dos tóxicos é hoje universal. Decorre dos desequilíbrios naturais da fase de transição que estamos vivendo, com as mudanças rápidas que o desenvolvimento tecnológico, o aumento de população, a ampliação dos meios de comunicação, a modificação dos costumes e dada concepção de vida produzem no mundo inteiro. O desprestígio que atingiu as instituições religiosas tradicionais, em virtude do impacto das novas descobertas científicas em seus dogmas antiquados, contribuiu para a propagação intensa das idéias materialistas. Os valores do espírito foram considerados ilusórios e o sentido da vida desapareceu, gerando a descrença no próprio valor da criatura humana. O mundo contemporâneo alargou os seus horizontes culturais e, contraditoriamente, estreitou até à asfixia os seus horizontes espirituais. Tornou-se um mundo caótico, sem finalidade e portanto sem orientação, aberto a todas as influências negativas que levam as novas gerações à insegurança e ao desespero.

Diante dessa situação, o problema dos tóxicos exige de todos nós uma atitude de vigilância constante e de confian-

ça nos poderes da vida. Amplamente diagnosticada por filósofos e cientistas, essa situação não deve provocar alarmes e desesperos. Conhecemos os seus motivos e sabemos que podemos controlá-la. A reação natural já se manifestou nos próprios setores científicos. Aquilo que se passou a chamar de *Psychic Boom* ou explosão psíquica, com o desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas e o avanço das pesquisas físicas e biológicas, revelando aspectos novos e novas dimensões do homem e da própria matéria, representa uma reação universal e violenta às doutrinas do nada, restabelecendo confiança do homem nos seus valores espirituais.

A GRANDE ESPERANÇA

A situação atual do mundo se torna bem clara, quando a encaramos na perspectiva histórica. As religiões da Antiguidade estruturaram o mundo sobre o conceito básico do dualismo **natural-sobrenatural**. O Cristianismo surgiu como reação a essa dualidade, colocando o problema religioso em termos racionais. Mas era apenas um pouco de fermento na imensa massa de farinha do mundo mitológico. Para levar essa massa o fermento teve de misturar-se com ela através de dois milênios. Dessa mistura resultou queda do mundo mitológico antigo e a deformação do Cristianismo que se carregou de influências mitológicas. O próprio Cristo, eminentemente racionalista, como vemos nas suas poucas explicações que os evangelistas registraram (apesar de mitólogos) foi também transformado em mito. Todo esquema ritual e sacramental das antigas religiões, inclusive a idolatria, foram integrados nas religiões cristãs, juntamente com a dogmática judaica. Esse cristianismo híbrido forjou o mundo medieval. Mas o desenvolvimento das Ciências, da Filosofia, da Cultura em geral eclodiu o Renascimento, pondo em dúvida as certezas proclama-

das e sustentadas pelas Religiões. E como as certezas não eram certas, não puderam sustentar-se. Apesar de todo o alicerce emocional da fé em que se assentavam, essas certezas caíram ante o impacto do espírito crítico que se desenvolvera. O Materialismo, o Positivismo, o Pragmatismo e a leviandade humana fizeram o resto. Estabeleceu-se o caos.

Fazemos essa rápida e imprecisa sinopse para lembrar que o fundamento do desespero atual é a falta de orientação espiritual. O homem se nadificou em vida, virou nada, esvaziou-se. As pressões sociais incidiram de maneira esmagadora sobre as novas gerações, formadas na segura angustiosa da educação leiga. Os tóxicos são o salário do nada, de uma concepção estúpida e vazia da vida. Assim, não bastam as medidas policiais contra o tráfico de drogas malditas. É necessária uma ação intensiva no sentido de restabelecer o sentido da vida na consciência popular através dos meios de comunicação.

Mas não adianta insistir nos dogmas das religiões sobrenaturalistas. Precisamos compreender que a mentalidade atual não pode acomodar-se em explicações simplórias e absurdas. Temos de usar a linguagem dos novos tempos e demonstrar cientificamente, com os dados atuais da Ciência, que o homem não acaba na morte do corpo, que o homem não é o corpo é o produto ocasional de determinadas funções orgânicas. Isso hoje está provado, cientificamente provado, apesar da contestação de alguns cientistas apegados à tradição materialista dos séculos dezoito e dezenove. Se não conseguirmos fazer isso os traficantes malditos nos vencerão. Mas se darmos às novas gerações a fé racional, a fé científica que elas, exigem em função da era cósmica que está nascendo, os traficantes malditos desaparecerão por si mesmos. O homem é o que ele pensa que é, o seu comportamento depende das suas convicções.

mens (a) gens

Nº.1 — Agosto de 1976 — (Mens agitat molem) — Era Cósmica — Ano I

Max Lúnan

Penso, falo e escrevo. É claro que existo. E se você me lê e me xinga ou ri, é porque também existe.

Logo, existimos. E a minha mente faz você e muita gente que não pensa começar a pensar.

EDITORIAL

Pastelaria na Lua

Estamos conquistando a Lua para quê? Para massificá-la. Meu colega McLuhan já mostrou e provou que vivemos no tempo das massas e da comunicação de massas. A Terra, que ele chamou de aldeia global, na verdade é uma padaria cósmica. Faltou visão global ao meu colega. Nessa padaria, como escreveu o poeta latino Virgílio: mens agitat molem, ou

seja, o espírito bate a massa para fazer pão. Precisamos da Lua para instalar ali uma pastelaria, pois nem só de pão vive o homem.

A Lua tem excepcionais condições para isso. No Crescente e no Minguante ela toma a forma de pastéis. Na Cheia e na Nova é redonda como empadinhas e broas. A Pastelaria Lunar ajudará a Padaria Terrena a

matar a fome que cresce sem parar numa humanidade que não para de comer.

Todos os males do mundo provêm da fome. Nosso jornal Mens-a-Gens, editado por mim, Max Lúnan, filósofo lunático, tem por fim desviar a mente humana das comezainas e fazer a turma pensar. Vamos lutar por uma lei que determine: Quem não pensa, não come.



Notícias maças e notas massivas

(Numeradas para não serem massantes)

1 — Entramos numa fria com as massas de ar gelado do começo do inverno. Nunca se viram no mundo tantos pés frios e apuros. Não estávamos preparados com meias de lã e faltava dinheiro para comprar botas. Os metevaleologistas não previram a coisa com tempo. E por ironia falavam em frentes-frias, quando o frio nunca vinha de frente, mas por baixo, dos lados e de cima. Que massada para a gente do Sul! E a turma do Norte e Nordeste só falava em «temperatura amena». Eles verão! O verão vai chegar.

2 — Os Correios estão anunciando selos mais caros e com gosto de frutas e pimenta. Que idéia genial! Apimentados e saladas de selos nos restaurantes e menos cartas para os carteiros entregarem.

3 — José das Graças, correspondente de uma firma carioca, gostava tanto de lamber selos que trabalhava com a língua de fora. Foi contratado por um restaurante paulista para dirigir a seção de saladas postais. Um colega o felicitou: «Você ainda não é famoso, mas vai sê-lo!» Imediatamente ele pôs a língua de fora.

4 — O pai sempre corrigia o filho por lamber selos. Agora só ele quer selar as cartas. A mãe substituiu no cardápio a salada de frutas por seladas.

5 — Em São Paulo, assaltantes de rua deram para espancar pessoas que encontram sem dinheiro. O gerente de uma fábrica aconselhou os operários: «Levem sempre no bolso a taxa

de assaltos. Não me desmoralizem a fábrica!»

6 — O mendigo estendeu a mão a um cavalheiro na Avenida São João: «Um selinho, pelo amor de Deus!» O cavalheiro tirou o porta-níqueis. O mendigo protestou: Estou com fome, senhor!

7 — A guerra do trânsito, em São Paulo e no Rio, tem objetivos secretos: acabar com a explosão demográfica, liquidar com a poluição ambiental e dar consumo à produção de automóveis.

8 — Os surtos de meningite, encefalite, poliomete e outros ites, somados e multiplicados, nada são em face da devastação de uma doença sem vacina preventiva — a automobilite.

9 — Ladrões sádicos deram para deixar os assaltados nus em estradas e ruas. Com as frentes frias as vítimas têm de correr até encontrar socorro. Mas Zéca Fonseca, motorista de taxi, declarou a um jornal que estava muito feliz: «Me deixaram nú na estrada, no verão, e me vi louco com os mosquitos e os pernilongos. Agora foi bem melhor!»

10 — Depois da independência de Angola, o proprietário português de uma granja paulista matou a sua criação de galinhas de Angola. E explicou aos jornais: «Elas continuavam a gritar tó tó fraco, tó fraco, tó fraco. Sei lá o que estavam planejando?»

NOTAS ESPARSAS

Na noite fria, gelada, o médium recebeu um espírito delirante que gritava: «Herejes, excomungados! Trago fogo para queimar vocês todos nas fogueiras da inquisição!» O doutrinador sorriu, esfregando as mãos: «Seja bem-vindo, irmão! Com este gelo danado um pouco de fogo é bom». O espírito respondeu: «Trago fogo do inferno, das caldeiras do diabo!» E o doutrinador, paciente: «Venha de onde vier, acenda o seu foguinho!»

O médico recém formado explicava: «Morte é morte. Morreu, acabou». Nhô Lau perguntou: «Doutor, o senhor já passou pela porta da morte prá ver se a casa dela tá vazia?»

As mulheres falam dos homens e os homens das mulheres. É



Uri Geller e frei Aresi não conseguiram sugestionar o homem de que ele estava leve como uma pluma e podia flutuar na sala

natural. Cada qual fala do que gosta.

Quando um homem e uma mulher não se acertam na vida é porque um dos dois tem uma roela de menos na cabeça.

Para educar os filhos, o casal precisa ter educação. Ninguém pode dar aos outros o que não possui.

Se você não gosta de crianças é porque perdeu a lembrança da infância. Só um desmemoriado renega a beleza da primavera.



Todos com medo de serem entortados por Uri Geller

O grande escritor

A morte súbita de Érico Veríssimo tirou do mapa um grande escritor. Mas em seu lugar ficou a sua obra.

Antes dele foi Guimarães Rosa. E a obra dele também ficou no lugar devido, como um marco. Esses dois grandes escritores podem servir-nos para uma tentativa de se esclarecer o que significa a expressão grande escritor. Não quero fazer esta seção como perito em coisa alguma, que não me julgo tanto. Mas acho interessante me servir deste espaço literário para alguma tentativa de mensuração e apreciação. Não se mede um escritor pelo tamanho de sua obra nem se pode apreciá-lo com os esquemas desta ou daquela pretensão crítica. Digo pretensão e não escola ou corrente, porque estas duas coisas equivalem simplesmente a pretensões.

Não há dúvida de que os dois escritores citados são grandes e assim foram considerados pelos críticos e pelo povo, pelos avaliadores técnicos da mercadoria e pelos consumidores. Unanimidade nos dois casos. Mas quais as razões desse consenso? É o que procuro atrevidamente descobrir nestas bem traçadas linhas (pois escrevo a máquina). Os dois estão em posições e planos diversos, em situações antípodas. Boa oportunidade para se fazer a tentativa que pretendo. Vamos a ela.

Érico Veríssimo deixou uma grande obra literária bem medida e bem pesada, escrita sob rigoroso controle racional-cartesiano. A factura de seus livros foi realizada com fita métrica, esquadros, giz e alinhavo, tudo sob medida. E deu certo.

Todo esse instrumental de alfaiate não lhe tirou a possibilidade de ser espontâneo, de atingir a verossimilhança, de captar a realidade das coisas e dos seres. Érico se inseriu na galeria dos clássicos do romance, com as liberdades naturais da evolução do classicismo em nossos dias.

Não abusou dessas liberdades, foi bem comportado e só um gramático rinoceronte, segundo a imagem de Lobato, poderia marcar os seus livros com várias anotações de infração.

Guimarães Rosa, pelo contrário, embora comes-

se respeitoso, rompeu logo com a disciplina, atravessou faróis vermelhos, ultrapassou carros pela direita, fez ziguezagues na pista e fora da pista, deu trombadas e atropelou gramáticos e gramáticas. O que lhe interessava era a língua e não as regras de linguagem. E foi além, inventando palavras e expressões, apoiado apenas em recursos do linguajar popular. E nem por isso foi multado ou condenado. Crítica e povo o aplaudiram, gostaram dele.

Certa vez pesquei e apontei nele um exagero inconveniente. Foi uma distorção perigosa, que poderia levá-lo, se repetida, a capotar nas suas diabruras do volante. Guimarães reconheceu humildemente a minha razão e citou o caso numa entrevista à imprensa. Isso me comoveu e alentou, pois era prova evidente de sua sinceridade no trabalho e de sua despreensão.

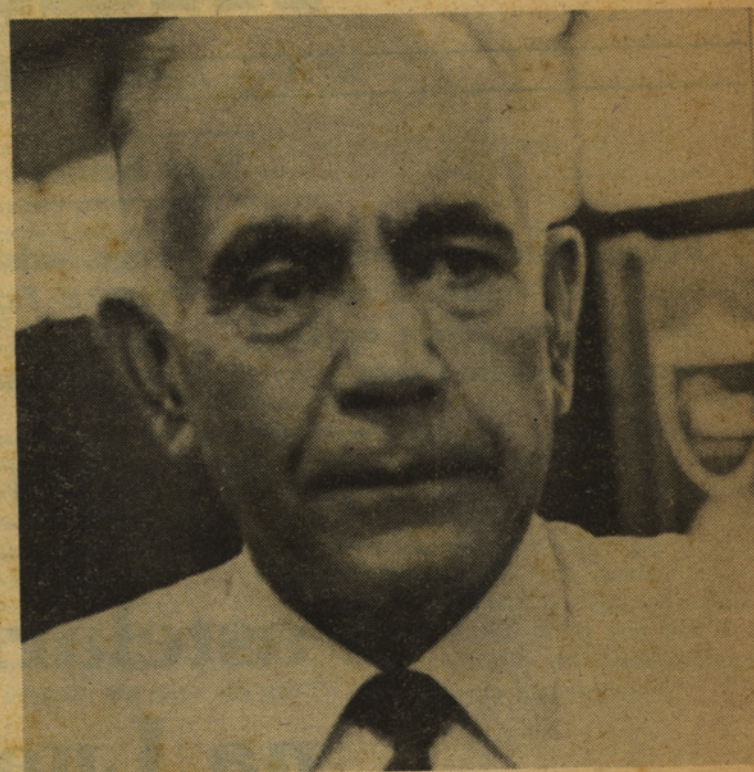
Os últimos dois volumes de Érico, o primeiro de **Solo de Clarineta**, publicado em vida, e o segundo, publicado após a morte, confirmam a sua posição de escritor bem comportado e revelam a possível razão disso. Érico era um homem de sociedade, intimamente insubmisso às exigências sociais, mas exteriormente incapaz de violá-las de maneira afron-

tosa. Note-se, no último volume, as suas cautelas na visita a Portugal e na recep-

ção que Álvaro Lins lhe ofereceu na Embaixada do Brasil em Lisboa. É curiosa a habilidade com que ele se equilibrava na corda-bamba do salazarismo, sem desgostar gregos nem troianos, mas conservando a sua posição pessoal e de escritor.

Era mais diplomata que Guimarães. Seus livros refletem essa situação e correspondem a uma fase característica da vida brasileira, que exigiu e ainda exige de todos os que a viveram e vivem habilidades de equilíbrio. O escritor, portanto, foi fiel ao seu tempo.

O pequeno trabalho de Paulo Dantas, **Sagarana Emotiva**, com prefácio de Dora Ferreira da Silva, publicado recentemente, com a correspondência entre ele e Guimarães, mostra que o autor de Grande Sertão-Veredas sentia e escrevia naturalmente, sem artimanhas, segundo o linguajar da terra. É claro que, como escritor, enriquecer esse linguajar, dava-lhe maior força, unidade e coerência transformando a língua bárbara em língua escrita, sem deformá-la quanto à sua rusticidade natural. Guimarães Rosa foi um escritor fiel às suas raízes e ao seu tempo, impregnado pelo sertão da cabeça aos pés, encharcado de água e barro. O médico da selva prevaleceu nele sobre o diplomata. Só usava artificios e habilidades no trato diplomático, saindo



Érico Veríssimo

ÉTICA

Equipamentos Científicos S/A

Amemo-nos uns aos outros. Façamos aos outros o que desejamos que eles nos façam. Toda a Religião e toda a Moral se encerram nesses dois preceitos. Se fossem seguidos neste mundo, todos seríamos felizes. Desapareceriam os ódios e ressentimentos. Direi mais: a miséria desapareceria, pois o superfluo dos ricos supriria a necessidade dos pobres.

Allan Kardec

Jabaquara, 55 - Sacomã - São Paulo

Vá direto à

EDICEL

Única editora da coleção completa da REVISTA ESPÍRITA - DE Allan Kardec (Indispensável ao conhecimento da Doutrina Espírita) e deste livro sem igual: INICIAÇÃO ESPÍRITA - de Kardec (3 livros em 1) Revendedora do livro DO MOMENTO:

AGONIA DAS RELIGIÕES
de J. Herculano Pires

.....

E mais:

As 3 Revelações para Crianças
de M. Anhaia Ferraz
Único manual de iniciação infantil.

Rua Genebra 122 - Quase esquina da rua Maria Paula
Fones: 36-2273 e 28-5568 - CEP 01316 - São Paulo
Crediário e Reembolso Postal

Não discuta sem saber.

Você não é o Sabetudo.

Leia com urgência:

AGONIA DAS RELIGIÕES

Um estudo das raízes da crise que abala o mundo. Um livro de J. Herculano Pires

Nas livrarias.
Distribuição Ibrex.

Pelo reembolso postal, pedidos à EDITORA PAIDÉIA

— Bacelar, 505 - CEP 04026. SP - Cr\$ 25,00.

O grande escritor

temporariamente da casca grossa de que se revestira nas brenhas e descampados, na veredas do sertão.

O livro **Corpo de Baile**, é talvez o que mais revela a sua ambivalência, particularmente no contraste do título com o texto. Nada mais contrastante do que esse título clássico com o texto selvagem que foge a todas as limitações de um palco. Sempre discordei dos que diziam que Guimarães forçava a mão, criava a sua própria linguagem. Na verdade, ele agia como um demiurgo, tomando a matéria-prima do linguajar sertanejo e construindo com ela o seu mundo literário. Aplicou à língua o que normalmente se faz na criação literária em geral, no tocante à realidade concreta. Nada mais do que isso.

Posso referir, como elemento coadjuvante, uma possível comparação de Guimarães e Euclides da Cunha. Ambos têm um ponto comum, que é a parnormalidade. Ambos eram médiuns e escreveram seus livros sempre numa perspectiva visionária. Mas Euclides manteve em seu posto de observação, como repórter, registrando os fatos, analisando os fatores determinantes, pesquisado-lhe a essência. Guimarães identificou-se com a realidade, mergulhou nela revestiu-se dos seus elementos. Euclides fez incisões a bisturi. Guimarães mordeu o real, como queria Camus, e mais do que isso, sugou-lhe a seiva e alimentou-se com ela.

Tudo isso mostra, segundo entendo, que a expressão **grande escritor** significa integração. Pouco importa a técnica usada, bem ou mal usada ou mesmo a ausência de técnica. É o caso de Joyce. De maneira que o escritor não tem necessidade de seguir uma escola, de querer subverter o **status** literário, de montar uma oficina de rebites para fazer obra de valor e se tornar grande. O **grande escritor** já nasceu assim e não tem culpa de ser grande. O máximo a que a invencionice, hoje muito em moda, pode levar um escritor, poeta ou artista de outros ramos é a posição de **grande inventor**. Porque parece evidente que os dois campos estão naturalmente diversificados: o escritor não inventa, o que ele faz é criar ou recriar, usando a matéria prima que Deus lhe deu, enquanto o inventor imagina e compõe artifícios para o

uso próprio e dos outros na relação do homem com o real. Veja-se a invencionice do **nouveau roman** no que deu.

Mas com isso não quero dizer que seja proibido inventar no campo literário.

A invenção tem livre curso em todas as áreas. O que penso conveniente assinalar é que o importante em literatura é a autenticidade. Se um escritor não zelar pela sua autenticidade nunca atingirá dimensões capazes de torná-lo grande. É da autenticidade que nasce a mensagem, a contribuição da verdade particular para a verdade geral da interpretação da vida e do homem.

Érico Veríssimo chegou à grandeza máxima de sua obra natriologia **O Tempo e o Vento**. Porque nesses volumes a sua integração na realidade gaúcha atingiu o climax do telurismo. Guimarães Rosa cresceu com a terra. E na proporção em que conseguiu transformar a própria terra e seus acidentes (exemplo do a morte de um riacho, que faz o leitor sensível chorar) em personagens vivos e até mesmo falantes, elevou-se à categoria de **grande escritor**. O mesmo se dá na poesia, onde os arrebites podem produzir sons metálicos e nada mais, se o poeta não buscar a integração no real para transfigurá-lo na suprer-realidade do poema.

O REMANESCENTE

O poeta Afrânio Zuccolotto é um remanescente dos bons tempos da arte nobre e pura. Não se conforma com a arte plebéia e impura destes tempos de classificação. Teve a desgraça de testemunhar a invasão dos vândalos no império e sofre com a derrubada dos ícones e a profanação dos templos.

Ainda há pouco tempo lançou um pequeno livro encantador, «Episódio do Soneto», que revelou a sua perfeita forma de esgrimista do verso. Agora reaparece com uma **plquette** lançada pelo Clube de Poesia de São Paulo, intitulado precisamente «O remanescente».

Registremos a elegância discreta e funcional dessa **plquette**, segundo projeto gráfico de Lucio Gomes Machado, executado pela Artestilo. Como se vê, a fidelidade ao estilo se revela na própria escolha da gráfica. Mas não se pense que Afrânio Zuccolotto seja um retrógrado. Espírito

arejado, sensibilidade, **finesse**. Tem o seu lugar de honra na poesia moderna. O que lhe repugna não é a renovação da arte poética, mas a derrocada do império da ordem, da elegância e da graça, levando à anarquia e à desgraça o próprio conceito de arte.

O tipo do artista remanescente que nos oferece. O tipo de artista remanescente que apresenta a uma senhora (neta de um seu amigo dos bons tempos impériaes) não condiz com ele próprio, mas é evidente que revela a sua forma interior. O poeta, por dentro, deve ser precisamente esse espadachim das Musas, marcado em todas as minúcias pela finura de espírito, sentindo-se desafiado por adversários brancos que nem de luvas dispõem para lançar-lhe aos pés. Os versos de sua **plquette** revelam uma inconformação dolorida e sem remédio. É pena que Afrânio não perceba que estamos numa fase de transição, de subversão historicamente natural dos valores formais do passado, em busca da essência real das coisas e dos seres.

Os espíritos delicados se arrepiam com os despautérios do presente. Mas, como já mostrara Hegel em sua teoria estética, é necessário que o belo, como idéia conquistadora da matéria, destrua as formas arcaicas para atingir a sua plena manifestação. Como demonstrou Mário da Andrade, no episódio do soneto «Platão», a sinceridade é mais artisticamente legítima do que as expressões formais que estrangulam a verdade em nome da hipocrisia. Os excessos do presente não são mais do que os resíduos da oficina do tempo, cujo destino é a lata de lixo. É trabalhosa e penosa a construção do futuro, mas vale a pena.

H.P.

O BOM SALGADINHO

Oferecemos para:
CASAMENTOS
ANIVERSÁRIOS
BATISADOS
ATENDEMOS A PEQUENA ENCOMENDAS

Av. Adolfo Pinheiro, 1031
Santo Amaro



João Guimarães Rosa

DR. JOSÉ ANTONIO GALVES

ADVOGADO

Advocacia empresarial — cobranças em todo território nacional — questões de terras — direito de família — usu- capião
Av. Adolfo Pinheiro, nº 1029
Santo Amaro — Fone: 246.1405

mensagem

JORNAL DE CULTURA

Edição: G. E. Cairbar Schutel

Diretor: J. Herculano Pires

Secretário de Redação: Jurandyr Gomes da Silva

Redação: COLEGIADA (COPY-DESK)

Diagramação: Jurandyr Gomes da Silva

Administração: A. C. Molina, Antonio Terenzo

DISTRIBUIÇÃO

Abril S.A. — Cultural e Industrial. Rua Emilio Goeldi, nº 575 — SP — C.G.C. 60598 - 0597 - 0001/58 — Inscrição: 102802294 — Fone: 262-7977

TIRAGEM

85.000 exemplares
Redação — São Paulo, rua Dr. Bacelar, nº 505 — Vila Clementino 8 CEP 04026 — fone: 549-3053. Composto e Impresso nas oficinas do Diários Associados de São Paulo, à rua 7 de Abril, nº 230 — SP

A revolta do inconsciente

Robert Henri Fourcade
Paris, agosto de 1976
(Para Mensagem)

PARIS, 26/7/76 — A escalada heróica do Mont Blanc por duas turmas alpinistas que não procuram afeto nem glória, mas a gratuidade da aventura, num século utilitarista, é o tema do romance de Gerard Herzog, *La Voie Jackson*, que acaba de ser lançado por Editions Arthaud. Não pretendo comentar nem criticar o livro, que está sendo aplaudido e bem aceito como romance de aventuras. Gerald Herzog é cineasta e alpinista, de maneira que o seu romance trás a seiva do real, de suas experiências pessoais em busca do platô da grande montanha, acompanhado por sua esposa Marie-Josée. O que me interessa é o símbolo vivo de uma fase da Humanidade, que brota das páginas e nos faz pensar na estranha dialética da evolução da espécie — que para Simone De Beauvoir não é espécie mas devenir constante — o devenir das escaladas não araro sem retorno.

Estamos agora numa hora decisiva da nossa escalada no Infinito. Do Alpinismo à Astronáutica vai vai a sistância das amebas marinhas até às águias no espaço. O homem aprendeu a singrar o espaço sideral e nada o deterá jamais. O animal implume e bípede criou asas. Não as asas de aviões que imitam os pássaros, mas as asas da técnica, que lhe permitiam romper os limites da gravidade terrena e lançar-se na busca dos mundos imaginários, hoje tocados por seus dedos eletrônicos, auscultados por seus ouvidos radiofônicos e seus olhos de radar.

PROJEÇÃO E CONTATO

Da projeção das sondas espaciais ao contato direto do homem com os outros mundos tiramos a experiência cósmica. Os russos fizeram um trator arrotear a poeira lunar. Os norte-americanos movimentam braços mecânicos em Marte para colher amostrar do solo. Daqui a pouco descere-mos em outros planetas, descobriremos que o nosso sistema solar é bem mais vasto e rico do que supomos hoje. O concerto do braço aleijado da Wicking-1 em Marte foi o marco inicial da tele-cirurgia cósmica.

Mas toda aventura tem o seu preço. E estamos pagando um preço bem elevado por essas escaladas siderais. A visão objetiva a percepção subjetiva, extra-sensorial, de um futuro utópico, desvaira a mente humana condicionada pelas amarras invisíveis da gravidade terrena. Projetamos objetos ao espaço e recebemos de volta os chamados subjetivos de

uma Xangrilá indefinível. Os astronautas que desceram na Lua pediram a Houston o prolongamento de sua permanência naquele mundo estranho. Foram envolvidos pela fascinação desconhecido.

OS NOVOS BÁRBAROS

Somos os novos bárbaros, agora em dimensões cósmicas. Os bárbaros que derrubaram o Império Romano embriagaram-se com a riqueza de uma civilização que, à distância, mal podiam imaginar.

ro. Não podendo atingi-lo como os bárbaros atingiram Roma, tripudiamos sobre nós mesmos, convertendo a Terra num inferno de ruínas e destroços. Somos os bárbaros da nossa própria civilização, os vândalos das nossas próprias conquistas, das nossas próprias criações de beleza e harmonia. Este é o momento em que a teoria dos arquétipos de Jung devia substituir com urgência o predomínio das rasteiras concepções freudianas do id e da libido.

elaborando a teoria mais provável das captações telepáticas. Para conter e domar as feras da libido precisamos superar o condicionamento freudiano e decifrar o enigma dos arquétipos.

Nossa consciência supraliminar, como demonstrou Frederic Myers, num livro hoje esquecido, é como a tampa de uma panela em fervura. O vapor a empurra e escapa dos lados com a força da pressão interna. As emergências do inconsciente abalam e perturbam a placidez forçada do nosso consciente adaptado a situações convencionais. Se não descobriremos as leis que regem essas emergências, não domaremos as feras que a evolução liberta em nós mesmos. Os cristãos do Líbano mostram-se mais ferozes que os muçulmanos, porque a contenção do Cristianismo Medieval foi mais rígida que a da moral islâmica. O terrorismo argentino, que já está contaminando outras nações latinoamericanas, tem suas raízes na masmorra da Espanha inquisitorial. A brutalidade árabe é o reverso da medalha judaica, forjada no ferro em brasa da bigorna bíblica. O processo dialético torna-se bem claro na perspectiva histórica.

MORAL NECRÓFILA

As explosões de violência do nosso tempo — sequestradores, terroristas, torturadores — a brutalidade das torturas contaminou o mundo — têm sua origem em duas fontes visíveis: as religiões da violência piedosa e moral necrófila, asfixiadora dos instintos vitais. As primeiras amarraram Prometeu ao Cáucaso para que ele não usasse o fogo do céu, as segundas mataram milhões de criaturas em vida, impondo-lhes a máscara de ferro da hipocrisia e obrigando-as a viver como se estivessem mortas. A vida é o poder da seiva e do sangue, que faz as plantas e os homens crescerem e se multiplicarem, como todos os seres vivos. Sufocar esses poderes naturais é represar a vida.

A psicologia libertina de hoje, que defende e propaga a liberdade sexual em forma de libertinagem e cai na pornografia, é a revolta da vida contra as pressões mortais. Incapazes de compreender a disciplina vital que controla o desenvolvimento da civilização, os psicólogos e psiquiatras da libertinagem aumentam o desespero humano e postulam a volta do homem à animalidade. Estamos na condição dos personagens de Gerard Herzog, que escalaram o Mont Blanc para morrer de inanição nos gelos eternos.



Estamos também embriagados com as perspectivas da conquista do Cosmos. Diziam os sonhadores antigos que a aproximação de Marte despertava na Terra a loucura das utopias. Imaginavam uma civilização marciana em termos de arquétipo dos mundos superiores. Pitágoras ensinava os discípulos a ouvir a música das esferas celestes.

Hoje conhecemos a aridez da Lua, sabemos que Venus é uma brasa ardendo no Infinito e que Marte se mostra primitivo com im cavalo selvagem. Mas não aceitamos essa aridez concreta e fantasiemos a esperança abstrata de um reino celeste no planeta vermelho. E a impossibilidade de alcançá-lo aguça o nosso desespe-

COMO DOMAR AS FERAS

As feras do instinto, contidas pelas represões da moral vitoriana, rompem as grandes e nos levam à loucura. Freud anteviu esse perigo e salvou-se de sua concepção patológica do homem pela teoria da sublimação. Mas somente o seu discípulo Jung penetrou no mistério dos arquétipos, no domínio do segredo da utopia, que a aventura cósmica faria emergir em futuro próximo. Os anseios da alma são mais vitais e mais poderosos, na orientação da conduta humana, que as serpentes de fogo da libido. Os complexos estouraram quando o homem capta os chamados do Infinito. Não foi por acaso que Jung se interessou pelo desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas,